Os Dados Estão Lançados

Jean-Paul Sartre

Tradução:

Maria Luísa Vieira da Rosa

Título original:

LES JEUX SONT FAITS

O QUARTO DE EVA

As persianas semicerradas apenas deixam penetrar um tênue raio de luz no quarto.

Essa mesma luz descobre uma mão de mulher de dedos crispados que arranham uma manta de peles.

O oiro de uma aliança brilha iluminado pela luz. Depois, deslizando ao longo do braço, a luz descobre o rosto de Eva Charlier...

Olhos fechados, narinas arfando, parece sofrer, agita-se e geme.

Abre-se uma porta e um homem aparece e pára.

Elegantemente vestido, muito moreno, com bonitos olhos escuros, bigode à americana, parece ter cerca de trinta e cinco anos. É André Charlier.

Olha fixamente a mulher, mas não há no seu olhar senão uma atenção fria desprovida de ternura.

Entra, fecha a porta sem ruído, atravessa o quarto com passo felino, e aproxima-se de Eva que o não sentiu entrar.

Estendida na cama, tem sobre a camisa de noite, um roupão muito elegante.

Uma manta de peles cobre-lhe as pernas.

Por instantes, André Charlier olha a face de sua mulher onde transparece o sofrimento, depois debruça-se e chama ternamente:

— Eva... Eva...

Eva, de rosto crispado, não abre os olhos; tinha adormecido.

André endireita-se, volta a cabeça na direcção da mesa de cabeceira onde está um copo com água. Tira do bolso um frasco conta-gotas, aproxima-o do copo e, lentamente, deita-lhe algumas gotas.

Mas, como Eva mexe a cabeça, guarda bruscamente o frasco no bolso e observa com um olhar agudo e duro a sua mulher adormecida.

A SALA DOS CHARLIER

Na sala ao lado, uma rapariga encostada à janela toda aberta olha a rua.

Da rua sobe e aproxima-se o barulho cadenciado de tropa a marchar.

André Charlier entra na sala e fecha a porta, depois de fingir um ar preocupado.

Com o ruído da porta a fechar-se, a rapariga volta-se.

É bonita, jovem, talvez 17 anos, e, se bem que grave e crispado, o seu pequeno rosto continua ainda pueril.

Lá fora, sobre o ritmo das botas martelando o pavimento, estala um cântico de marcha rouco e cadenciado.

Com um gesto brusco a rapariga fecha a janela.

É visível que só a custo domina os nervos, e, voltando-se, é com um ar irritado que diz:

— Ainda não pararam de desfilar!

Sem parecer vê-la, André dá alguns passos e pára, um ar muito afectado, junto de um canapé.

A rapariga vem ter com ele, interroga-o ansiosamente com os olhos.

Ele endireita a cabeça, lança-lhe um olhar e com um trejeito fatalista:

— Está a dormir...

— Crê que ela pode curar-se?

—André não responde.

A rapariga, irritada, poisa um joelho em cima do canapé e sacode a manga de André.

Está à beira das lágrimas, de repente explode:

— Por favor, não me trate como uma criança. Responda-me.

André olha a sua jovem cunhada, acaricia-lhe levemente os cabelos, depois, com o tom mais fraternal e doloroso que pode ter, exclama:

— Vais precisar de toda a tua coragem, Lucette.

Lucette desata a chorar e encosta a cabeça na borda do canapé.

O seu desespero é sincero, profundo, mas muito pueril e muito egoísta; não passa de uma garota mimada.

André murmura docemente:

— Lucette...

Ela sacode a cabeça.

— Deixe-me... deixe-me... Não quero ter coragem; é muito injusto tudo isto! Que será de mim sem ela?...

Sem deixar de lhe acariciar o cabelo, depois o ombro, André insiste.

— Lucette! Acalme-se... peço-lhe...

Ela volta-se, deixa-se cair no canapé, mãos na cabeça, os cotovelos nos joelhos, e a gemer exclama:

— Não posso mais com isto! Não posso mais com isto!

André contorna o canapé e, como não está a ser observado, retoma o seu ar duro e espia a rapariga que continua:

— Um dia, espera-se no dia seguinte, já não nos resta qualquer esperança! É de endoidecer... Sabe o que ela representa para mim?

Volta-se bruscamente para André cujo rosto toma de súbito um ar compadecido.

— É muito mais que minha irmã, — André continua por entre lágrimas —, é também minha mãe e a minha melhor amiga. Você não pode compreender, ninguém me pode compreender.

André senta-se junto dela:

— Lucette diz com um ar de terna reprovação não se esqueça... é minha mulher.

Ela olha-o confusa e estende-lhe a mão.

— É verdade, André, desculpe-me, mas sabe que sem ela eu sentir-me-ei tão só...

— E eu, Lucette?

André abraça a rapariga. Ela deixa-se abraçar cheia de confiança e de pureza, pondo a cabeça no ombro de André, que retoma a conversa hipocritamente:

— Não quero que pense «eu estou só», enquanto eu estiver a seu lado. Não mais nos deixaremos e estou certo que é este o desejo de Eva. Nós viveremos juntos, Lucette.

Lucette, acalmada, fecha os olhos e choraminga infantilmente.

A RUA DOS CONSPIRADORES

Um destacamento da milícia do Regente encaminha-se para uma rua cheia de povo.

O rosto sob o achatado boné de pala curta, o tronco rígido debaixo da camisa escura atravessada pelo boldrié luzidio e a arma automática a tiracolo, os homens avançam com um pesado martelar de botas.

O canto marcial da tropa em marcha estala bruscamente. Há pessoas que se voltam, outras afastam-se do caminho e entram em casa.

Uma mulher que empurra um carrinho de bebê faz lentamente meia volta, sem dar nas vistas, e afasta-se por entre os transeuntes que se dispersam.

A tropa avança sempre, precedida de alguns metros por dois milicianos de capacete e metralhadora em punho. E à medida que a tropa avança a rua esvazia-se sem precipitação, mas numa clara manifestação de hostilidade. Um grupo de mulheres e homens parados à entrada duma mercearia dispersa com lentidão, como se obedecesse a uma ordem silenciosa.

Uns entram nas lojas outros nos portões. Mais longe, algumas donas de casa, agrupadas em volta dos carros dos vendedores ambulantes, dispersam-se, enquanto um miúdo com as mãos nas algibeiras atravessa a rua com uma lentidão exagerada, quase a tocar nas pernas dos milicianos...

Encostados junto da porta duma casa de aparência modesta dois homens jovens e robustos contemplam a passagem da tropa com um ar irônico. Têm ambos a mão direita na algibeira do casaco.

O QUARTO DOS CONSPIRADORES

Um quarto cheio de fumo, miseravelmente mobilado. De cada lado da janela, tomando cuidado para não serem vistos de fora, quatro homens observam a rua.

São Langlois, grande, ossudo, o rosto barbeado; Dixonne, magro e nervoso, com uma pequena barbicha; Poulain, óculos de metal e cabelos brancos, e Renaudel, um homem gordo, possante, vermelho e sorridente.

Aproximam-se do centro do quarto onde, sentado a uma mesa redonda sobre a qual há cinco copos e uma garrafa, está Pierre Dumaine que fuma tranqüilamente.

O rosto magro de Dixonne revela inquietação. Pergunta a Pedro:

— Viste?

Pedro, calmamente, agarra no copo, bebe e depois pergunta:

— O que é que vi?

Às suas palavras segue-se um breve silêncio. Poulain senta-se, Renaudel acende um cigarro. Dixonne lança um olhar para a janela.

— Tem sido assim toda a manhã. Temem qualquer coisa...

Pedro conserva a sua atitude tranqüila e firme. Poisa calmamente o copo dizendo:

— Talvez, mas com certeza que não do que lhes sucederá amanhã.

Hesitante, Poulain começa:

— Não valeria mais?...

Pedro volta-se bruscamente para ele e diz-lhe com um ar duro:

— O quê?

— Esperar...

E como Pedro esboça um movimento de irritação, Renaudel acrescenta precipitadamente:

— Três dias apenas, o tempo de os sossegar. Pedro volta-se para ele e pergunta-lhe num tom brusco:

— Tens os no sítio?

Renaudel sobressalta-se e fica ruborizado.

— Pedro! protesta ele.

— Uma revolta não se adia declara Pedro com força. Está tudo pronto. As armas foram distribuídas. Os rapazes estão desejosos de ir para o barulho... Se nós esperarmos, arriscamo-nos a nunca mais os podermos segurar.

Renaudel e Dixonne sentaram-se, em silêncio.

O olhar duro de Pedro poisa sucessivamente nos quatro rostos que lhe fazem face.

A sua voz seca interroga:

— Há alguém que não esteja de acordo?

E, como nenhuma objecção fosse feita, continua:

— Bom. Então é para amanhã às dez da manhã. Amanhã à noite dormiremos no quarto do Regente. E agora ouçam-me...

Os quatro rostos aproximam-se com um ar grave, tenso, enquanto Pedro estende sobre a mesa um papel que tirou da algibeira e continua:

— ...A revolta começará em seis pontos diferentes.

O QUARTO DE EVA

Eva continua estendida de pálpebras fechadas. Volta bruscamente a cabeça e abre os olhos espantados como se saísse dum pesadelo. De repente volta de novo a cabeça e grita:

— Lucette!

Eva recobra a consciência, mas sofre como se um fogo interior a queimasse.

Com esforço, endireita-se penosamente, afasta o cobertor e senta-se na borda da cama. Sente a cabeça à roda. Depois, estende a mão e agarra no copo de água que se encontra na mesa-de-cabeceira. Bebe dum trago, faz uma careta e com uma voz enfraquecida chama de novo:

— Lucette! Lucette!

A RUA DOS CONSPIRADORES

Um jovem de cerca de dezoito anos, pálido, nervoso, com um ar dissimulado, chama:

— Pedro!

Este último vem a sair da casa modesta onde acaba de se realizar a reunião dos conspiradores. Ao ouvir o seu nome, Pedro olha na direcção da voz e, depois de ver donde ela vem, volta a cabeça, dirigindo-se aos dois vigias que estão de sentinela diante da porta:

— Os outros vão já descer, vocês podem ir-se embora. Reunião aqui às seis da tarde. Nada de novo?

— Absolutamente nada responde um dos patuscos. Só há este espiãozito que queria entrar.

Com um movimento da cabeça aponta o jovem que do outro lado da rua os observa de pé, junto da bicicleta.

Pedro olha rapidamente na direcção dele e encolhe os ombros:

— Luciano! Ora!

Os três homens separam-se rapidamente. Enquanto os dois guarda-costas se afastam, Pedro aproxima-se da bicicleta, que está amarrada, e inclina-se para desfazer o nó. Durante este tempo, Luciano atravessa a rua, alcança-o e chama-o:

— Pedro...

Este nem sequer se volta. Tira o cordão e ata-o ao selim.

— Pedro! — suplica o outro — ouve-me! — Ao mesmo tempo contorna a bicicleta e aproxima-se de Pedro. Este último endireita-se e olha Luciano com desprezo sem lhe dizer palavra.

— Não tive culpa queixa-se Luciano. Com um pequeno trejeito da mão, Pedro afasta-o e leva a bicicleta pela mão. Luciano segue-o balbuciando:

— Tranqüilamente, Pedro desce a rua e monta na bicicleta. Luciano coloca-se diante dele e põe uma mão no guiador. Na sua cara há um misto de raiva e de medo. Exalta-se:

— Vocês são demasiado duros! Eu tenho só 18 anos... Se me abandonarem, pensarei a vida inteira que sou um traidor. Pedro! Eles propuseram-me que trabalhasse para eles...

Desta vez Pedro olha-o bem nos olhos. Luciano fica febril, agarra-se ao guiador e quase grita:

— Mas diz alguma coisa! É muito cômodo para ti, porque não passaste pelo que eu passei. Não tens o direito. Não te vais embora sem me ter respondido... não te vais embora!

Então Pedro, com um profundo desprezo, atira-lhe entre dentes:

— Meu reles maricas!

E, continuando a fitá-lo nos olhos, esbofe-teia-o com toda a força.

Luciano recua, sufocado, enquanto Pedro, sem pressas, se apóia nos pedais e afasta-se. Ecoam risos, de satisfação: Renaudel, Poulain, Dixonne e Langlois que acabam de sair do prédio assistiram à cena.

Luciano deita-lhes um breve olhar, fica um momento imóvel, depois vai-se lentamente. Nos seus olhos há lágrimas de raiva e de vergonha.

O QUARTO DE EVA E A SALA

A mão de Eva repousa junto do copo vazio na mesa de cabeceira. Eva endireita-se com um esforço terrível, e estremece cheia duma dor brusca.

Depois, cambaleando, consegue alcançar a porta da sala, abre-a, e fica imóvel. Vê, no sofá da sala, Lucette que pousou a cabeça no ombro de André. Alguns segundos passaram antes de Lucette se aperceber da presença da irmã.

Eva chama com uma voz abafada:

— André...

Lucette afasta-se do cunhado e corre para Eva. André, não muito embaraçado, levanta-se e aproxima-se com um andar tranqüilo.

— Eva! repreende a rapariga tu não te deves levantar.

— Fica aqui, Lucette... Quero falar a sós com André.

Depois volta-se e entra no quarto.

André aproxima-se de Lucette, embaraçado, e convida-a com um gesto cheio de doçura a afastar-se, entrando por sua vez no quarto.

Vai ter com a mulher que está apoiada à mesa de cabeceira.

— André — diz ela respirando alto —, tu não tocarás na Lucette...

André dá dois passos, fingindo um ligeiro espanto.

Eva concentra todas as forças para falar.

— É inútil. Eu sei. Há meses que te vejo actuar... Tudo começou depois da minha doença... Tu não tocarás na Lucette.

Exprime-se com uma dificuldade cada vez maior; vacila, sob o olhar impassível de André.

— Casaste comigo pelo meu dinheiro e fizeste da minha vida um inferno... Nunca me queixei, mas não permitirei que toques na minha irmã...

André observa-a sempre impassível. Eva agüenta-se com esforço e continua com uma certa violência:

— Aproveitaste-te da minha doença, mas eu hei-de curar-me, hei-de curar-me, André, e defendê-la-ei contra ti.

Exausta, deixa-se escorregar na cama, descobrindo a mesa-de-cabeceira. Muito pálido, André fixa o copo vazio que está na mesa. O seu

rosto exprime uma espécie de alívio, enquanto se ouve ainda a voz de Eva cada vez mais fraca:

— Curar-me-ei e levá-la-ei para longe daqui... longe daqui...

UMA ESTRADA DOS ARREDORES

Meio encoberto por um tabique de madeira, Luciano espera. O rosto pálido, luzidio de suor, a boca com um ricto de maldade, ruminando raiva, espera. Tem a mão no bolso do casaco.

Lá em baixo, a cerca de 150 metros de distância, debruçado na bicicleta, aparece Pedro. Avança só, por esta estrada monótona e triste dos arredores, no meio de telheiros.

Ao longe, alguns homens trabalham empurrando pequenos vagões, outros esvaziando camionetas. Pedro continua a avançar, por entre as fábricas e as grandes chaminés que fumegam. Luciano, com o rosto cada vez mais crispado, olha inquieto à sua volta e esboça um gesto. Lentamente tira um revólver do bolso.

O QUARTO DE EVA

A voz de Eva ouve-se ainda, com um último alento de violência:

— Hei-de curar-me... André, hei-de curar-me para a salvar... Quero curar-me...

A sua mão desliza ao longo da mesa, quer agarrar-se, cai por fim, arrastando o copo e a garrafa de água.

Eva, que, sentindo-se cada vez mais fraca, tentou apoiar-se à mesa, cai no chão com um barulho de copos partidos...

Pálido mas impassível, André contempla o corpo de Eva estendido no chão.

A ESTRADA DOS ARREDORES

Estoiram dois tiros de revólver. Na estrada, Pedro cambaleia ainda durante alguns metros, e por fim cai na calçada.

O QUARTO DE EVA

Lucette precipita-se no quarto como uma rajada de vento e encontra André. Vê o corpo de Eva no chão e dá um grito.

A ESTRADA DOS ARREDORES

O corpo de Pedro está estendido no meio da estrada junto da bicicleta cuja roda da frente continua a girar em vão.

Por detrás do tabique de madeira que o esconde, Luciano monta na sua bicicleta e foge a toda a velocidade.

Lá em baixo os operários suspenderam o trabalho. Ouviram tiros, mas sem compreender ainda, voltam a cabeça. Hesitante, um deles decide-se a avançar na estrada.

Um camião acaba de parar junto do cadáver de Pedro. O condutor e dois operários saltam para a estrada. De longe, acorrem outros trabalhadores. Num instante, o corpo estendido fica rodeado por um círculo de homens. Reconhecem Pedro e cruzam-se as exclamações:

— É Dumaine!

— O que foi?

— É Dumaine!

— Acertaram no Dumaine!

Na confusão geral, ninguém prestou atenção ao barulho de botas da tropa a marchar, a princípio ao longe, mas agora mais nítido. Bruscamente, de muito perto, irrompe o canto da milícia. Um operário de expressão dura comenta:

— Que queres tu que seja?

Nesse momento, um destacamento de milicianos desemboca na rua vizinha. Um após outro, os operários juntam-se e fazem frente à tropa que avança para eles. Uma enorme cólera transparece nos olhares. Uma voz descarrega:

— Malandros!

O destacamento avança sempre, os milicianos cantam, e, à frente, o chefe fixa com um olhar inquieto o grupo de operários. Estes estão agora todos de pé, e fazem barreira na rua com um ar ameaçador. Alguns

afastam-se e sem alarde vão ajuntar pedras e bocados de ferro à beira da calçada.

Ao fim de alguns passos o chefe miliciano dá uma ordem preparatória e depois grita:

— Alto!

Neste momento, enquanto o seu corpo continua estendido na terra, um outro Pedro levanta-se lentamente. Tem um ar de alguém que acaba de sair dum sonho e escova maquinalmente a manga. Volta as costas à cena muda que se está a desenrolar. Contudo, três operários estão na frente dele; poderiam vê-lo, e no entanto não o vêem.

Pedro dirige-se ao operário que está mais próximo...

— Então, Paulo, o que há?

O interpelado não se mexe. Apenas se dirige ao seu vizinho e pede-lhe, estendendo a mão:

— Passa-me um.

O segundo operário passa um tijolo a Paulo. A voz do chefe do destacamento ordena brutalmente:

— Desobstruam a calçada!

No grupo de operários ninguém se mexe.

Pedro volta-se vivamente, observa os dois campos opostos, e comenta:

— Vai haver sarilho...

Depois, passa por entre os operários, invisível aos olhos deles, e afasta-se sem pressa. No seu caminho cruza-se com alguns operários armados de pás e de barras de ferro, que passam sem o ver. A cada encontro Pedro olha-os um pouco admirado, mas por fim, encolhendo os ombros e renunciando a compreender, afasta-se definitivamente, enquanto por detrás dele se ouve a voz imperiosa do chefe dos milicianos, dizer:

— Para trás! Aconselho-os a desimpedir o caminho!

O QUARTO DE EVA E A SALA

André e Lucette acabam de deitar o corpo de Eva na cama.

Enquanto André puxa a manta de peles para cima da mulher, Lucette, extenuada, cai e soluça agarrando a mão inerte da irmã. Neste

momento uma mão de mulher toca ao de leve os cabelos de Lucette, sem que a rapariga dê por isso. Eva, de pé, olha a irmã.

O seu rosto exprime uma compaixão sorridente, um pouco admirada, como se pode manifestar por uma contrariedade ligeira e enternecedora. Encolhe os ombros e sem insistir afasta-se em direcção à sala. Enquanto Lucette chora sobre o cadáver da irmã, Eva, vestida com um roupão, passa ao salão e dirige-se para o vestíbulo. Aí cruza-se com Rosa, a criada de quarto, que sem dúvida alarmada com o barulho, vem discretamente ver o que se passa no quarto. Eva pára, observa o que ela faz e chama-a:

— Rosa!

Mas Rosa regressa um pouco perturbada com o que acaba de ver, e parte correndo.

— Então Rosa insiste ela. Para onde vai a correr assim?

Eva fica um pouco admirada ao ver Rosa sair da sala, sem lhe responder, sem mesmo parecer tê-la visto nem ouvido.

De repente, eleva-se uma voz que, primeiro docemente, depois cada vez mais sibilante, repete:

— Laguenésia... Laguenésia... Laguenésia... Eva começa a andar, atravessa o salão, e dirige-se para um largo vestíbulo. Bruscamente pára. Em frente dela está um grande espelho de parede onde normalmente se deveria reflectir a sua imagem. Ora o espelho apenas lhe mostra a outra parede do corredor. Eva apercebesse que não tem reflexo. Estupefacta, dá ainda um passo em frente e... nada...

Nesse momento, Rosa volta a aparecer e caminha rapidamente na direcção do espelho. Tirou o avental branco e leva na mão um saco e um chapéu.

Sem dar por Eva, ela interpõe-se entre a patroa e o espelho, procurando ajeitar o chapéu.

Assim, ambas estão defronte do espelho, mas é só Rosa que nele se reflecte. Espantada, Eva coloca-se de lado olhando alternadamente Rosa e o reflexo de Rosa...

A criada ajeita o chapéu, agarra o saco que tinha colocado em frente e sai rapidamente. Eva fica só, sem reflexo...

Soa de novo a voz que lentamente continua:

— Laguenésia... Laguenésia... Laguenésia...

Eva encolhe os ombros com indiferença e sai.

UMA RUA

Pedro caminha ao longo de um passeio, numa rua bastante animada. É acompanhado pela voz que aumenta pouco a pouco e por outras vozes cada vez mais fortes, e cada vez mais marteladas que repetem:

— Laguenésia... Laguenésia... Laguenésia...

E Pedro caminha, caminha sempre... Mas entre a lentidão dos seus movimentos e a rapidez atarefada dos transeuntes a contraste é manifesto. Pedro tem o ar de quem se move sem ruído, um pouco como nos sonhos.

Ninguém repara nele. Ninguém o vê.

É assim que dois transeuntes se encontram; o primeiro estende a mão ao outro e Pedro, julgando que o gesto se destina a ele, estende a mão, mas os dois transeuntes apertam-se as mãos e param diante dele para conversar. Pedro é obrigado a contorná-los para prosseguir o seu caminho. O seu rosto exprime uma espécie de indiferença divertida, sem no entanto deixar de achar todas estas pessoas pouco educadas.

Dá mais alguns passos e apanha nas pernas um balde de água que uma porteira atira para a rua. Pedro pára e olha para as calças: estão completamente enxutas. Cada vez mais admirado, continua o caminho. E a voz prossegue:

— Laguenésia... Laguenésia... Laguenésia...

Dá mais uns passos e pára ao pé dum velho que lê o jornal enquanto espera o autocarro. Ao mesmo tempo, a voz cala-se bruscamente.

Pedro dirige-se ao velho:

— Desculpe, senhor...

O outro não levanta a cabeça, continua a ler e sorri.

— Desculpe, Senhor — insiste Pedro —, a rua Laguenésia se faz favor?

UM CANTO DO JARDIM PÚBLICO

Eva acaba de parar junto duma mulher que está sentada num banco público e que faz malha balançando ao mesmo tempo, com o pé, um carrinho de criança.

Amavelmente, Eva pergunta:

— Desculpe, minha senhora... a rua Laguenésia se faz favor?

A mulher, que não ouviu nada, inclina-se para o carrinho e começa com umas tartamudices idiotas, que é a linguagem corrente das pessoas crescidas em relação aos bebês...

A RUA

O velho continua a ler o jornal, sorrindo. Pedro fala um pouco mais alto e explica:

— Tenho um encontro urgente na Rua Laguenésia e não sei onde é.

O velho ri um pouco mais alto sem deixar de ler o jornal. Desta vez Pedro olha-o de lado e diz-lhe:

— Acha graça?

E acrescenta mais baixo, mas sem maldade:

— Ora o meia-leca!

O velho ri cada vez mais alto e Pedro repete mais alto:

— Meia-leca!

Neste momento chega o autocarro que se detém na paragem. A sombra projecta-se no velho mas não em Pedro que fica inteiramente iluminado. O velho, sorrindo sempre, deixa o passeio, e sobe para o autocarro que arranca.

Pedro segue a sombra com os olhos, encolhe mais uma vez os ombros e retoma o caminho...

Um pouco mais longe, quando deixa o passeio, depara-se-lhe bruscamente, à direita, a entrada duma pequena rua estranha, uma espécie de beco deserto, de forma curiosa. Ao fundo deste caminho sem saída, de fachadas sem janelas, um pequeno grupo de pessoas faz bicha diante da única loja aberta... O resto do beco está completamente vazio.

Pedro chega ao meio da calçada, volta a cabeça para a direita, nota o pequeno arruamento, retarda o passo e pára por fim. Com um ar admirado contempla o pequeno beco silencioso. Atrás dele cruzam-se automóveis, autocarros e transeuntes.

Levanta a cabeça e olha em direcção da placa indicadora onde lê:

Beco Laguenésia.

...Então, lentamente, caminha por entre as fachadas cinzentas e dirige-se para o pequeno grupo que faz bicha.

O JARDIM PÚBLICO

Eva está ao pé da jovem mãe que continua a sorrir para o bebê.

Sorrindo também, Eva olha para a criança e depois pergunta de novo:

— Então não pode dizer-me onde fica a rua Laguenésia? Sei que tenho um encontro, mas não sei com quem, nem o que devo dizer-lhe...

A jovem mãe recomeça com as tartamudices:

— Riquiqui, Miguelinho? O que é o Miguelinho à sua mamã?

Eva encolhe os ombros e continua o seu caminho...

Sai do jardim, desce do passeio e de repente depara com um estreito beco, ao fundo do qual está parado um pequeno grupo. Surpreendida, observa por instantes esta ruela onde tudo é silêncio, enquanto por detrás dela está o jardim público com toda a sua animação. Por sua vez lê a placa indicadora onde está escrito:

Beco Laguenésia.

BECO LAGUENÉSIA

Alinhadas duas a duas, cerca de vinte pessoas esperam diante da loja. Aí, acotovelando-se uns aos outros, encontram-se indivíduos de todas as idades e de todas as classes sociais. Um operário de boné, uma senhora idosa, uma linda mulher de casaco de peles, um trapezista moldado no seu fato de trabalho, um soldado, um senhor de chapéu alto, um velhinho barbudo que abana a cabeça, dois homens com uniformes de milicianos, outros ainda, e por último Pedro Dumaine.

A fachada e o interior da loja são profundamente sombrias, e não há nenhuma inscrição exterior.

Decorrem alguns segundos, depois a porta abre-se sozinha com um barulho estridente de campainha. A primeira pessoa do grupo entra na loja e a porta fecha-se lentamente sobre ela.

Eis que surge Eva. Com um passo maquinal, encaminha-se para o começo da bicha. Imediatamente há uma explosão de gritos:

— Para a bicha!

— O que é que ela pensa?

— Essa é forte!

— Não tem mais pressa que os outros.

— Para a bicha. Para a bicha!... Eva pára, volta-se e diz a sorrir:

— Tem piada, vocês vêem-me? Não são amáveis, mas apesar disso fico contente.

— Com certeza que a vemos diz-lhe uma mulher gorda com um ar ameaçador. E não tente passar adiante da sua vez.

Só Pedro nada diz, mas olha para Eva.

A campainha toca de novo e as pessoas avançam um pouco mais. Docilmente, Eva volta para trás e toma o seu lugar no fim da bicha.

Pedro observa-a a afastar-se. Ele está ao lado do velhinho que abana a cabeça. A porta abre-se outra vez e a campainha volta a tocar. Uma mulher e um homem entram na loja empurrando-se mutuamente. O velho e Pedro avançam um pouco mais. Este observa o seu vizinho com uma irritação crescente e por fim não pode conter-se:

— Não é capaz de estar sossegado? pergunta-lhe com violência. Quando é que acaba de abanar a cabeça?

Sem deixar de abanar a cabeça, o velhinho limita-se a encolher os ombros.

Mais algum tempo de espera. Depois a campainha torna a tocar e a porta de vidro abre-se sozinha.

Pedro entra, a porta fecha-se e as pessoas tornam a avançar. Na loja completamente vazia Pedro vê prateleiras e balcões cheios de pó. Dirige-se sem hesitação para uma porta que dá para uma casa interior.

A CASA INTERIOR

Pedro avança depois de ter fechado a porta.

Dá alguns passos na direcção de uma senhora que está sentada a uma secretária. Uma lamparina de azeite, colocada na mesa, empresta um pouco mais de luz a este quarto mal iluminado por uma janela estreita que dá para um pátio interior.

As paredes estão cheias de medalhões, de gravuras, de quadros, que, tudo leva a crer, representam o beco Laguenésia.

Pedro avança até à secretária e pergunta:

— Perdão, minha Senhora... é consigo que eu tenho um encontro?

Digna e corpulenta, de lorgnon na mão, a velha senhora está sentada diante dum enorme registo aberto, sobre o qual está deitado um gato gordo e preto.

Olha para Pedro através do seu lorgnon e responde com um ar afável:

— É sim, senhor.

— Então pode informar-me continua Pedro acariciando o gato que se estica e se encosta a ele o que venho eu fazer aqui?

— Régulo! deixa o senhor sossegado repreende a velha.

Com um sorriso, Pedro agarra o gato enquanto a velha continua:

— Não lhe roubarei muito tempo. Tenho Necessidade de si apenas para uma pequena formalidade burocrática.

Consulta o registo aberto e diz:

— ...Chama-se Pedro Dumaine, não é assim? Surpreendido Pedro responde:

— Sim, minha senhora... mas eu... Calmamente, com um ar grave, a velha volta as páginas do registo.

— ...Da, da, di, do, du... Dumaine, cá está... nascido em 1912?

Pedro está estupefacto; o gato aproveita a situação para lhe subir para os ombros.

— Sim, em Junho de 1912...

— Era contramestre na Fundição de Answer?

— Sim.

— E foi morto esta manhã às 10h35? Desta vez Pedro curva-se para a frente, as mãos apoiadas no rebordo da secretária, e olha a velha com espanto. O gato salta dos ombros dele para cima do registo.

— Morto? perguntou Pedro com um ar incrédulo.

A velha aquiesce amavelmente. Então Pedro endireita-se bruscamente e desata a rir.

— Com que então é isso... então é isso... Estou morto.

Bruscamente deixa de rir e pergunta com um ar quase divertido:

— Mas... quem me matou?

— Um segundo se faz favor...

Com o lorgnon ela afasta o gato que está em cima do registo.

— Então, Régulo, olha que estás mesmo em cima do nome do assassino.

Depois decifra a indicação mencionada no registo:

— ...Cá está: foi morto por Luciano Derjeu.

— Ah! o malandreco! diz Pedro simplesmente. Quer dizer então que ele não falhou.

— Felizmente replica a velha a sorrir que toma as coisas a bem. Gostaria de dizer o mesmo de todos que vêm aqui.

— Aborrece-os de estarem mortos?

— Há gente que se queixa de tudo...

— Eu — explica Pedro — não deixo ninguém, estou tranqüilo. — Põe-se a andar no quarto com animação e acrescenta:

— Além disso, o essencial é ter feito o que se tinha a fazer.

Volta-se para a velha que o olha com um ar céptico através do seu lorgnon.

— Não é desta opinião? — pergunta.

— Sabe, eu aqui não sou senão uma simples empregada...

Depois, vira o registo para Pedro e diz-lhe:

— ...Vou pedir-lhe uma assinaturazinha... Por momentos, Pedro fica desconcertado.

Por fim, volta à mesa, agarra na caneta e assina.

— Sim, senhor — diz a velha —, agora está morto para sempre.

Pedro endireita-se, um pouco embaraçado. Volta a pôr no lugar a caneta, faz uma festa ao gato e pergunta:

— E onde é que eu hei-de ir?

A velha observa-o com um ar surpreendido.

— Mas... onde quiser...

No entanto, como ele vai sair pela porta por onde entrou, indica-lhe uma outra porta ao lado.

— ...não, por ali...

Enquanto Pedro fecha a porta, a velha ajusta o seu lorgnon, consulta o registo e com um ar muito natural finge que puxa o cordão da

campainha. Ouve-se ao longe o tocar da campainha de entrada anunciando a vinda do novo cliente.

UMA RUA

Pedro acaba de sair pela pequena porta dum prédio velho e imundo. Orienta-se e dá alguns passos, de mãos nas algibeiras com um ar divertido.

A rua desemboca, vinte metros adiante, numa grande artéria onde automóveis e peões se cruzam movimentando-se animadamente. Nesse curto espaço alguns vivos andam apressados, enquanto uma dezena de mortos estão sentados ou de pé, encostados às paredes, ou passeiam-se indolentemente olhando as montras.

Dois outros mortos de outros tempos, com trajos da época, voltam-se para Pedro e falam dele em voz baixa.

RUA E PRAÇA

Pedro caminha com lentidão quando uma voz de velho diz atrás dele:

— Bem-vindo seja entre nós, Senhor. Pedro volta-se e vê um grupo de pessoas vestidas segundo as mais variadas épocas: mosqueteiros, românticos, contemporâneos, modernos e, entre eles, um velho com um chapéu de três bicos, vestido à moda do século XVIII que o interroga amavelmente: É novo?

— Sou... e o senhor?

O velho ri e, indicando o fato, diz:

— Fui enforcado em 1778.

Pedro, com simpatia, participa da triste ocorrência...

O velho prossegue:

— Foi um erro judiciário. De resto, isto não tem importância alguma. Tem alguma coisa de concreto a fazer?

E, perante o olhar de espanto de Pedro, acrescenta com um ar desiludido:

— Sim... vá ver se sua mulher o chora ou se o engana, se os seus filhos velam o seu cadáver e que classe de enterro lhe dão eles...

Pedro interrompe com vivacidade:

— Não, não, tudo correrá bem sem mim.

— Ainda bem. Então quer-me para guia?

— É muito amável — murmura Pedro. Mas, já o velho o leva consigo, dizendo:

— Pelo contrário, o prazer é todo meu. Temos o hábito de esperar a chegada dos novos para os iniciar no seu novo estado; isto distrai.

Chegados ao canto da rua, param ambos. Pedro, divertido, olha para a sua frente. Tem de novo as mãos nos bolsos.

Uma multidão variada movimenta-se, numa pequena praça. Vivos e mortos estão misturados.

Enquanto os vivos têm um ar apressado, os mortos vão caminhando devagar, tristes e um pouco envergonhados. A maior parte, de resto, contenta-se em estar sentada ou em parar nos cantos, diante das montras, nos vãos das portas.

— Mas que multidão! exclama Pedro.

— Não é maior que de costume responde o velho. Apenas agora, que você está registado, vê também os mortos.

— Como se podem distinguir dos vivos?

— É muito simples: os vivos estão sempre com pressa.

E como nesse momento passa um homem com um andar apressado, uma pasta debaixo do braço, o velho diz:

— Repare neste... É vivo pela certa.

O homem em questão passou tão perto, que deveria ter ouvido se estivesse morto.

Pedro segue-o com os olhos, com ar divertido.

Nota-se que Pedro se está a treinar a distinguir os vivos dos mortos, e que sente um certo prazer nisso. Passam por uma mulher que caminha mais lentamente que eles, o rosto pintado, a saia muito curta. Pedro examina-a, tentando formular uma opinião. A mulher parece não o ver. Pedro volta-se para o velho com um olhar interrogador e faz um gesto discreto na direcção da mulher.

O velho faz que não com a cabeça.

— Não, não! Viva.

Pedro esboça um ar de decepção enquanto a mulher atrasa o passo com a aproximação dum vivo apressado.

O velho notou a decepção de Pedro e diz-lhe:

— Não se inquiete, aprenderá depressa. Continuam o caminho, mas são em breve interrompidos por um grupo que vem ao seu encontro.

A frente, caminha um homenzinho com um ar de idiota e degenerado. Atrás dele vem toda a sua nobre ascendência masculina, do século XIX à Idade Média, tudo gente de boa presença e de grande porte.

O descendente vivo desta nobre família pára para acender um cigarro, os seus ascendentes param atrás dele seguindo com uma atenção admirada todos os seus gestos.

Pedro não pode deixar de exclamar, divertido:

— Que carnaval é este?

— Mal acaba de dizer estas palavras imprudentes, alguns dos nobres lançam-lhe um olhar furioso e consternado.

O velho explica com discrição:

— Uma velha família de alta nobreza. Esta gente acompanha o último descendente...

— Não tem nada de belo diz Pedro. Não se devem sentir muito orgulhosos. Porque é que o seguem?

O velho encolhe os ombros com ar fatalista.

— Esperam que ele morra para o poderem insultar.

Entretanto, o descendente, tendo acendido o cigarro, põe-se a andar com ar importante e tolo seguido de todos os seus ascendentes que o vigiam com expressão atenta e desolada.

Pedro e o velho retomam o seu passeio, e atravessam a rua.

Um automóvel avança com muita velocidade e o velho passa mesmo por diante do carro sem a mínima reacção, enquanto Pedro faz um recuo rápido.

O velho olha para ele com um sorriso indulgente:

— Há-de habituar-se...

Pedro compreende, pára, sorri por sua vez e retomam o caminho.

A CASA INTERIOR

Eva está sentada numa cadeira diante da secretária, com um ar ansioso. Pergunta com nervosismo:

— Tem a certeza? Tem mesmo a certeza?

A velha, cuja calma cortês e aborrecida contrasta com o nervosismo de Eva, responde com dignidade:

— Não me engano nunca. É da profissão. Eva insiste:

— Ele envenenou-me?

— Sim, minha Senhora.

— Mas porquê? Porquê?

— A senhora incomodava-o responde a velha. Conseguiu o seu dote. Agora falta-lhe o da sua irmã.

Eva junta as mãos num gesto de impotência e diz acabrunhada:

— E Lucette está apaixonada por ele!

A velha toma um ar que as circunstâncias exigem:

— Os meus sentimentos... Mas é capaz de assinar?

Maquinalmente Eva levanta-se, inclina-se para o registo e assina.

— Perfeito conclui a velha senhora. Agora está oficialmente morta.

Eva hesita e depois interroga:

— Mas... onde é que eu hei-de ir?

— Onde quiser. Os mortos são livres.

Eva, tal como Pedro, dirige-se maquinalmente para a porta por onde entrou, mas a velha intervém:

— Não... por ali...

Eva, absorta, abandona o aposento.

UMA RUA

Eva caminha tristemente pela rua, cabisbaixa, as mãos nas algibeiras do roupão.

Não se interessa pelo que a rodeia e cruza-se com vivos e mortos sem os olhar. De repente, ouve a voz dum charlatão de feira apregoar:

— Minhas senhoras e meus senhores, mais alguns francos e Alcides vai realizar para vós uma demonstração sensacional... Com um só braço, um só, ele levantará um peso de cem quilos. Repito, cem quilos.

Uma roda de basbaques envolve um hércules de feira. É um homem gordo, em fato de banho cor-de-rosa, bigode atrevido, risca ao meio com um anel de cabelo pegado em cada fonte. Está parado numa atitude de fanfarrão, enquanto o outro o apresenta ao público.

Eva contorna o grupo de basbaques, deita um olhar ao espectáculo sem se deter.

Na última fila de curiosos, Pedro e o velho contemplam a cena.

— Venha — diz-lhe este último —, há melhor para ver... Temos um clube.

— Um momento — diz Pedro aborrecido —, sempre gostei dos hércules.

Por sua vez, Eva contornou o círculo de basbaques e pára, olhando maquinalmente para o lado do hércules.

O charlatão continua a esforçar-se por estimular a generosidade da multidão:

— Então, meus senhores e minhas senhoras, não hão-de querer que digam que a halterofilia acaba por falta de estímulo. Mais doze francos e Alcides começará. Doze francos. Doze vezes vinte soldos, um franco à direita? um franco à esquerda? Obrigado. Mais dez francos e vai começar!

De repente, a atenção de Eva é desviada para uma miúda duns doze anos com um cesto donde sai uma garrafa de leite e uma carteira de senhora muito estragada onde por certo ela guarda o dinheiro. Mandaram-na às compras, mas ela demora-se um instante a ver o charlatão.

Não se apercebe que um malandrim de cerca de dezassete anos se coloca por detrás dela e procura roubá-la. Depois de ter deitado um olhar cuidadoso à sua volta, mete a mão com suavidade e tira a carteira da miúda.

Eva, que viu o gesto, grita:

— Atenção, pequena, olha que te estão a roubar!

Pedro, do outro lado da pequena, volta bruscamente a cabeça para Eva e depois o olhar fixa-se na miúda.

Eva viu o movimento de Pedro e é a ele que ela agora se dirige:

— Prenda-o, prenda-o!

O velho, com ar de cúmplice, chama a atenção de Pedro com o cotovelo.

O malandrim tem tempo de sobra para se afastar...

Eva grita, de braço estendido:

— Agarra que é ladrão!

Com um ar divertido, Pedro observa a Senhora. O velho comenta:

— Esta senhora também é uma novata.

— Sim — diz Pedro um pouco vaidoso —, ela ainda não percebeu...

Eva volta-se para Pedro:

— Mas faça qualquer coisa! Diz-lhe ela. Porque é que está a rir? Prenda-o!

Pedro e o velho trocam um piscar de olhos e Pedro diz:

— A senhora ainda não está habituada.

— Como? admira-se Eva. Habituada a quê?

Eva olha ora para um ora para outro e de repente compreende. Parece desamparada e sem coragem.

— Ah sim... murmura. É verdade. Pedro e Eva entreolham-se um segundo com interesse. Depois seguem a miúda com o olhar.

Esta acaba de dar pelo desaparecimento da carteira. Procura no seu cesto cada vez mais febrilmente, chega mesmo a olhar para dentro da garrafa de leite, procura no chão entre as pernas dos espectadores, depois contrai-se com o rosto pálido, vencido; a boca crispa-se e lágrimas brilham-lhe nos olhos espantados.

Eva, Pedro e o guia calam-se e observam a criança com um ar perturbado, até mesmo o velho cujos sentimentos já deviam estar embotados...

A miúda afasta-se, levando consigo o cesto e a garrafa de leite.

Dá alguns passos, deixa-se cair num banco e põe-se a soluçar, a cabeça poisada no braço, metendo dó.

— Pobre pequena murmura Pedro. O que vai ser dela quando chegar a casa.

Depois, acrescenta, pela primeira vez, com um ligeiro ar de amargura:

— E é isto! Eva insurge-se:

— E é isto! É tudo quanto isto lhe causa?

Pedro esforça-se por dissimular a sua emoção por detrás duma aparência insolente.

— O que quer que eu faça? Eva encolhe os ombros.

— Nada.

Mas volta a cabeça na direcção da criança:

— Ah, mas é odioso diz, odioso não se poder fazer nada.

Eva e Pedro olham-se novamente. Depois, Pedro volta-se bruscamente, como para afastar um pensamento inoportuno.

— Vamo-nos embora propõe o velho. Vou consigo...

Afasta-se, em companhia do guia, feliz, com esta diversão.

Por sua vez, Eva põe-se de novo a caminhar cabisbaixa, as mãos nas algibeiras do roupão. Passa perto da miúda sem olhar para ela e... vai-se embora...

PORTA DO PALÁCIO DO REGENTE

Pedro e o velho acabam de chegar diante da porta monumental do Palácio do Regente.

Dois milicianos robustos armados, especados numa posição de sentido impressionante, guardam a entrada.

Pedro pára bruscamente. O velho, que tinha tido dificuldade em o seguir, pára por sua vez, mas com intenção de prosseguir.

Pedro avalia com o olhar a enorme porta e diz com uma alegria visível:

— É ali.

— O que está a dizer?

— Há anos que eu tenho vontade de o ver ao pé.

— O Regente? pergunta o velho com um ar de espanto. Quer ver o Regente? Idéia curiosa... Um miserável usurpador sem nenhuma envergadura.

— Ele interessa-me — responde Pedro alegremente.

O velho faz um gesto de incompreensão bem educada e indica a porta:

— Nesse caso, meu caro, não se acanhe. Sem hesitações, Pedro sobe os degraus da escada e pára por uns momentos perto dos dois milicianos. Inclinando-se mesmo sobre o nariz de um deles diz-lhe:

— Se tu soubesses quem estás a deixar passar...

UMA GALERIA DO PALÁCIO DO REGENTE

Pedro e o velho caminham numa vasta galeria onde alguns mortos estão sentados aqui e ali, vestidos ao gosto das respectivas épocas. Cruzam com um camareiro de libré, que deixam passar por entre eles.

Pedro parece muito interessado por tudo o que vê, enquanto o velho considera todas estas coisas com um ar desencantado.

Em breve chegam diante de uma porta de canto, também guardada por dois milicianos em posição de sentido.

Neste momento, aparece um segundo criado trazendo um belo par de botas pretas.

Um dos milicianos, num gesto mecânico e ritual, abre a porta ao criado que entra com ar majestoso. Pedro, que está muito perto da porta, puxa pela manga do velho e condu-lo dizendo baixinho: Venha.

Entram rapidamente atrás do criado e o miliciano fecha a porta atrás deles.

Pedro e o velho ficam por instantes parados. Depois, caminham lentamente para o centro do aposento.

É um quarto enorme e sumptuoso, ao fundo do qual se eleva um leito baldaquino.

Uma mesa maciça de carvalho, grandes cadeirões da época, cortinados de veludo, brocados e tapeçarias, enchem o quarto.

O Regente encontra-se sentado junto do leito. Está em mangas de camisa, de calças de oficial, e em peúgas. Usa um tapa-bigodes e fuma um cigarro caro.

É um homem de aspecto robusto e sólido, de expressão presumida e cruel, mas capaz de iludir as aparências.

O criado, solícito, ajuda-o a enfiar as botas.

Uma dezena de mortos, entre eles uma mulher, encontram-se no quarto. Uns estão sentados nas cadeiras ou em cima da cama, e alguns mesmo deitados no chão. Outros ainda, estão encostados às paredes ou em pé junto dos móveis.

Há um chefe miliciano que veste um uniforme parecido com o do Regente; um colosso medieval; um miliciano de segunda classe; um homem muito velho de bigode branco, encostado a uma bengala; um oficial do século XIX com dólman de alamares e calça justa; três senhores idosos de jaqueta bordada e calça de risca; e, por fim, uma senhora de cerca de trinta anos, vestindo um elegante trajo de caça.

Todos eles olham para o Regente com ares irônicos ou sinistros.

Pedro abana a cabeça divertido.

— Pelos vistos diz alegremente, não sou eu o único.

Estas palavras chamam a atenção dos mortos, que viram maquinalmente a cabeça em direcção aos recém-chegados.

O companheiro de Pedro explica:

— Este usurpador tem sempre visitas.

— Amigos?

Os mortos encolhem os ombros, voltam-se com um ar desdenhoso e o velho fidalgo apressa-se a corrigir:

— Antigos amigos.

No entanto, depois de ter enfiado as botas, o Regente levanta-se e aproxima-se dum espelho grande, onde se põe a mirar.

O Regente, para se colocar diante do espelho, aproxima-se de Pedro que gira à volta dele e o examina como se examinasse um insecto... Perto deles, o miliciano de segunda classe está encostado a um móvel, com os braços cruzados, e contempla o seu antigo «chefe» com o sobrolho carregado.

O Regente mira-se com satisfação e começa a ensaiar diante do espelho. Exercita-se a cumprimentar, toma ares presunçosos. Os seus gestos teatrais são os de um orador em plena actuação e perfeitamente ridículos.

Imperturbável, o criado de quarto está a uns passos dele, tendo na mão a sobrecasaca do uniforme. Ao cabo de algum tempo, o Regente faz um breve sinal ao criado, que se aproxima e estende-lhe a sobrecasaca. Pedro abana a cabeça e, voltando-se para o miliciano, diz alegremente:

— Estás a ver?

O miliciano aprova com a cabeça, sem deixar de olhar o Regente.

— É bonito o teu patrão acrescenta Pedro com um ar irônico.

Pode dizê-lo replica o miliciano. Se eu tivesse sabido disto nunca teria colaborado.

Depois de ter vestido a sobrecasaca, o Regente despe-a e pergunta ao criado:

— Achas que ficará bem sem sobrecasaca?

— Com certeza, Excelência, mas a sobrecasaca ainda favorece mais sua Excelência.

O Regente torna a pôr a sobrecasaca e dirige-se para a mesa junto da qual está o colosso medieval. O Regente, seguido de Pedro, aproxima-se da mesa abotoando a sobrecasaca.

Antes de pôr o cinturão, o Regente deita o cigarro no esplêndido prato que adorna a mesa. O colosso tem um sobressalto de indignação.

— No meu prato de fazer a barba! ruge. Pedro volta-se para ele com interesse.

— É seu?

— Estou aqui em minha casa, meu amigo. Fui rei deste país há 400 anos. E peço-lhe que acredite que nesse tempo eram respeitados os meus móveis.

Pedro sorri e indica o Regente:

— Console-se, Senhor, não ficará aqui por muito tempo.

A única mulher que se encontra entre os mortos volta-se espantada.

— Que quer dizer? pergunta ele.

— É para amanhã.

O miliciano aproxima-se interessado.

— O que é que é para amanhã?

— A revolta.

— Tem a certeza? pergunta a mulher.

— Fui eu que preparei tudo. Isso interessa-lhe?

A mulher indica o Regente que coloca uma insígnia à volta do pescoço e uma condecoração no peito e diz-lhe com paixão:

— Morri há três anos por causa dele. E depois disso não mais o deixei um segundo. Quero vê-lo enforcado.

O chefe miliciano que seguiu a conversa aproxima-se por sua vez.

— Não se entusiasme. Estas coisas nem sempre vingam. E ele é mais malandro do que parece.

A jovem senhora encolhe os ombros:

— Não foi porque falhou no seu plano que...

Entretanto, todos os mortos estão agora reunidos à volta de Pedro. O chefe miliciano continua:

— Lembra-se da conspiração das Cruzes Negras? Era eu. Não tinha deixado nada entregue ao acaso, e no entanto ele apanhou-nos...

— A mim também me apanhou — admite Pedro —, mas não há-de apanhar os outros.

— Está muito seguro de si.

Pedro dirige-se ao mesmo tempo ao chefe miliciano e aos outros mortos que o cercam:

— Há três anos que trabalho nisto, os meus companheiros e eu. Não pode falhar.

— Eu dizia o mesmo... replica o chefe miliciano.

O oficial de casaco de alamares que está sentado numa cadeira perto da mesa diz com um ar de troça:

— Os mortos recentes têm sempre ilusões. Enquanto fala, o criado passa por detrás dele, e depois, como se lá não estivesse, apodera-se da cadeira e leva-a.

O oficial fica sentado no vácuo, enquanto o Regente se senta na cadeira que o criado lhe oferece. Pedro dirige-se a todos os mortos que o olham com uma atitude céptica e diz:

— Têm um ar bastante pessimista.

— Pessimista? insurge-se o miliciano. Servi este homem durante anos...

Falando sempre, aproxima-se do Regente e todos os mortos fazem um círculo à volta da mesa. O criado tira, segundo o cerimonial quotidiano, o tapa-bigodes do Regente.

— Acreditei nele — continua o miliciano —, morri por ele. E agora vejo este guignól: uma mulher por dia, saltos altos. É o secretário quem lhe escreve os discursos, e, quando os repete diante do espelho, divertem-se ambos. Acha que é engraçado verificar que se foi enganado a vida inteira?

O Regente está agora ocupado com a sua refeição matinal. Bebe e come como um porco, mas as mãos movimentam-se com gestos distintos.

O chefe miliciano fala, com dureza: Pessimistas? Quando cheguei aqui compreendi que tinha sido o meu melhor amigo que nos tinha vendido. Hoje é ministro da justiça.

Pedro quer falar, mas é de novo interrompido. A mulher colocou-se junto do Regente e continua designando-o:

— Pessimistas? Olha para ele. Conheci-o quando era escrevente, ajudei-o, trabalhei para ele. Vendi-me para o tirar da prisão. Fui eu que lhe fiz a carreira.

— E depois? pergunta Pedro.

— Morri num acidente de caça e o acidente de caça foi ele.

O Regente continua a alambazar-se, palitando volta e meia os dentes com as unhas.

Pedro, que não teve ainda possibilidade de dizer palavra, subitamente dá vazão à sua cólera e olha os mortos com um ar de desafio.

— E então? O que é que isso prova? Que vocês falharam na vossa vida?

Os mortos respondem todos em uníssono:

— Você também. Falhámos, pois decerto. Todas as pessoas falham na vida.

O velho, que esteve silencioso desde que chegou ao quarto, toma a palavra e a sua voz domina a confusão:

— Falha-se sempre a vida, no momento em que se morre.

— Sim, quando se morre cedo de mais exclama Pedro.

— Morre-se sempre demasiado cedo... ou demasiado tarde.

— Mas eu não, percebem? eu não!

Os risos e as troças dos outros mortos redobram. Mas Pedro, de pé no meio deles, faz-lhes frente.

— Eu preparei a revolta contra este palhaço. Rebentará amanhã. Não desperdicei a minha vida. Estou feliz, estou contente, e não quero pertencer ao vosso grupo...

Dirige-se para a porta; depois, reconsidera, volta atrás e, no meio dos mortos que troçam, diz:

— Vocês não estão só mortos, têm também o moral em baixo.

Furioso, dirige-se para a porta, seguido do velho.

Atrás dele, os mortos continuam a falar ao mesmo tempo:

— Tanto melhor para ele se se sente feliz... Acabará por compreender... São todos a mesma coisa! Pensa que é esperto, e não é

senão ridículo. Hão-de ver se isto vai avante... Está contente, pois bem, tem sorte!

No meio desta confusão, batem fortemente à porta.

Com a boca cheia, o Regente grita:

— Quem é?

No momento em que Pedro e o seu companheiro chegam à porta, esta abre-se para dar passagem a um porteiro miliciano que cumprimenta o Regente e anuncia:

— O Chefe da Polícia pede para lhe falar. Diz que é muito urgente e muito grave.

— Mande-o entrar.

O Porteiro inclina-se e sai.

Pedro e o velho dispõem-se a segui-lo, mas de repente Pedro estaca. Vê o chefe da Polícia a conversar com Luciano Derjeu e é evidente que o trata com dureza.

Luciano, no meio de dois milicianos, tem um ar aborrecido e amedrontado.

Pedro olha admirado para Luciano e exclama:

— Esta agora! O miúdo aqui!... Foi ele que me matou.

Com o punho estendido, subitamente ameaçador, grita em direcção de Luciano:

— Seu nojento!

Mas o velho aconselha:

— Não vale a pena incomodar-se.

— Eu sei, mas gostaria mesmo assim de poder partir-lhe a cara.

O chefe da Polícia avança e inclina-se diante do Regente. Os mortos que se tinham afastado voltam a agrupar-se à roda da mesa.

— O que é, Landrieu? pergunta o Regente.

Landrieu, com cara de imbecil:

— Um incidente deplorável, Excelência... eu...

— Então... estou a ouvi-lo...

— Um dos nossos espiões fez uma asneira... Matou Pedro Dumaine.

O Regente, que principiara a beber, engasga-se.

— Pedro Dumaine está morto e você considera isso um incidente?

Dá um murro em cima da mesa e continua:

— Sabe o que se vai passar, Landrieu?... Sem Pedro Dumaine, não há revolta. A conspiração sem chefe não ousará revelar-se.

Pedro muda de expressão. O velho, que parece ter compreendido, olha-o pelo canto do olho com ironia.

— Disse-lhe que o seguisse, Excelência... responde Landrieu.

Pedro aproxima-se mais, abrindo caminho no meio dos outros mortos.

Com o rosto tenso, escuta.

O Regente grita na cara de Landrieu, que tem um ar acabrunhado:

— É preciso que eles se revoltem. Com as informações que tínhamos, era uma ocasião única. Todos os chefes liquidados duma só vez e a conspiração aniquilada por dez anos.

Pedro está perturbado. O velho interroga-o com um arzinho inocente:

— Não se sente bem? — Pedro não responde.

Os mortos, tirados do seu torpor, seguem a discussão com um interesse apaixonado. Alguns compreenderam e olham alternadamente Pedro e o Regente, com sorrisos de quem percebe a situação.

Landrieu diz atabalhoadamente:

— Ainda não está tudo perdido, Excelência.

Espero bem que não, Landrieu. Se amanhã a conspiração não der sinal, é você quem irá responder pelo excesso de zelo do seu espião... Vá-se embora!

Depois de uma hesitação, mas não se atrevendo a acrescentar mais palavras, o Chefe da Polícia inclina-se e alcança a saída enquanto o Regente, furioso, diz para si próprio:

— Três anos de esforços. Um orçamento de polícia como nunca se viu.

Vendo a cara de Pedro, os mortos põem-se a rir.

Como Landrieu está mesmo a atingir a porta, o Regente grita-lhe pela última vez:

— Isto custar-lhe-á o seu lugar, Landrieu! O Chefe da Polícia volta-se e inclina-se. No meio dos mortos que continuam a troçar, Pedro diz:

— Dá-lhes vontade de rir? Todos os meus companheiros vão ser massacrados.

— Está a tornar-se pessimista diz com ironia o chefe miliciano.

— Vocês repugnam-me! grita Pedro. Depois afasta-se e, aproveitando Landrieu ter aberto a porta, sai com rapidez seguido pelo velho.

A RUA DOS CONSPIRADORES

Um operário novo acaba de chegar diante da porta do edifício no qual Pedro Dumaine tinha tido a reunião secreta onde se ultimaram os pormenores finais da revolta.

Depois de ter deitado uma olhadela à sua volta o rapaz entra.

UMA ESCADA DO EDIFÍCIO

O jovem operário pára diante da porta de um quarto, num sórdido patamar de escada.

Por detrás do rapaz estão Pedro e o velho. Esperam.

O jovem operário, ao mesmo tempo que bate nervosamente à porta, grita através dela:

— Eh rapazes! Parece que acertaram no Dumaine.

Ouvem-se passos rápidos que se aproximam, e depois a porta abre-se. Dixonne pergunta:

— O que é que estás tu a dizer?

— Parece que acertaram no Dumaine... repete o outro.

Vinda do interior do quarto, a voz de Lan-é'lois insiste:

— Tens a certeza?

— Foi o Paulo que me disse.

Pedro olha alternadamente as caras dos seus antigos companheiros.

— Pulhas! murmura Dixonne. Vai depressa saber novidades e quando souberes mais alguma coisa, passa por minha casa.

— Está bem diz o jovem operário, que desce rapidamente a escada.

O QUARTO DOS CONSPIRADORES

Dixonne empurra maquinalmente a porta sem a fechar por completo. Volta-se para os companheiros que o cercam. Os quatro homens estão silenciosos nos seus lugares.

Pela nesga da porta aparece a cara de Pedro que, com um ar grave, escuta.

Por fim, Langlois rompe o silêncio pesado:

— Se Dumaine estiver morto, atacaremos na mesma?

— Agora com mais razão responde Dixonne. Hão-de pagar também isto. Não estão de acordo, rapazes?

Poulain e Renaudel aprovam:

— Com certeza.

— Agora mais do que nunca.

— Muito bem — conclui Dixonne —. Agora, mãos à obra. Não há tempo a perder...

Pedro, junto à nesga da porta mal fechada, tenta abri-la. Faz pressão, mas a porta não dá de si.

Dixonne dirige-se a Poulain, ainda de pé:

— Deixa entrar um bocado de ar, senão rebentamos.

Poulain obedece, abre a janela, e com a corrente de ar a porta fecha-se...

À ESCADA

Pedro está encostado à porta fechada. Bate e grita sem que oiçam o menor ruído através da porta.

— É uma armadilha, rapazes! Não façam nada. É uma armadilha.

Como única resposta, ouve-se alguém do interior aproximar-se e fechar a porta à chave.

Pedro olha para o velho que lhe faz sinal para que não insista. Pedro reconhece a inutilidade dos seus esforços, e por isso sofre pela primeira vez.

Volta-se e diz com grande desespero:

— Amanhã estarão todos mortos ou presos, e a culpa será só minha.

O velho faz um gesto como que perguntando: «Mas que pode você fazer?»

Pedro, cheio de raiva, agora dá murros no corrimão, que se não ouvem.

— É claro que aqui ninguém se importa com coisa alguma. Mas eu não, percebe? Eu não.

EM CASA DE CHARLIER

No quarto, com as persianas meio corridas, o corpo de Eva está estendido na cama.

Ajoelhada, Lucette agarra a mão da irmã e chora com a cara encostada à mão. André está de pé, imóvel, por detrás da sua jovem cunhada.

Eva está hirta, encostada à parede, os braços cruzados, e contempla a cena com uma expressão dura.

Lucette levanta a cabeça e beija com arrebatamento a mão da irmã, gemendo desesperada.

— Eva, Eva, minha querida.

André inclina-se sobre Lucette, agarra-a com suavidade pelos ombros e obriga-a a levantar-se.

— Venha, Lucette... venha... A rapariga deixa-se convencer.

André leva-a, segurando-a pela cintura. Ela encosta a cabeça no ombro de André. Este último conduz Lucette até ao sofá e fá-la sentar.

Passaram em frente de Eva que lentamente os segue, sem deixar de os observar com uma dureza inquieta. Coloca-se por detrás do sofá e espera...

De repente ouve uma voz de homem:

— Bons dias.

Eva volta-se bruscamente, o seu rosto ilumina-se e, de repente, comove-se e diz:

— Papá!...

O pai de Eva, amável e sorridente, estende a cabeça pela abertura da porta da sala.

Desliza pela abertura estreita e dirige-se a Eva:

— Soube que estavas entre nós e não quis deixar de vir desejar-te as boas-vindas.

É um velho ainda bem conservado, muito distinto, muito bem trajado: polainas e cravo na botoeira. Personifica o protótipo do velho freqüentador do clube, incrivelmente volível.

Vai ter com Eva, que, muito comovida, ficou no mesmo sítio, e estende-lhe as mãos. Ela cai-lhe nos braços.

— Como estou feliz, Pai! Há tanto tempo... O Pai beija-a ao de leve na testa e afasta-a com delicadeza, com ambas as mãos.

Eva recua e olha-o com emoção, as mãos nas dele.

Depois esta emoção desvia-se para Lucette, e ela diz subitamente:

— Papá... a nossa pequena Lucette... É preciso que saibas o que se passa aqui.

O Pai fica com um ar aborrecido, mesmo pouco contente. Não quer olhar para o lado que Eva lhe indica.

— Achas que é verdadeiramente necessário? Tenho muito pouco tempo, minha filha.

Eva força-o a voltar-se para o sofá.

— Olha.

Lucette continua com a cabeça no ombro de André e chora baixinho. Tendo-a enlaçado, André aperta-a contra si.

O Pai olha, mas é visível que está incomodado e que preferiria estar noutro sítio.

— Vês? pergunta Eva.

— Não chore, Lucette diz André.

Eva, sem deixar de os fitar, dirige-se ao pai:

— Ouve...

— Não está só, bem o sabe continua André. Amá-la-ei como Eva a amava... Amo-a ternamente, Lucette... É tão encantadora e tão jovem...

Lucette olha para André que lhe sorri e, depois, com uma confiança infantil, pousa de novo a cabeça no ombro dele. Eva tem um gesto de ternura e piedade para a irmã e passa a mão pelos cabelos e pela testa de Lucette.

Nesse mesmo instante, André inclina-se e beija-a na testa.

Eva retira a mão bruscamente, com repugnância.

— Pai!...

Mas o pai faz um gesto de impotência.

— É verdade, minha filha... é verdade! Ao mesmo tempo, dá alguns passos como se procurasse afastar-se desta cena lamentável.

— Pai, ele envenenou-me porque eu o estorvava...

O Pai, tendo dado mais alguns passos, esboça um gesto vago.

— Eu vi-o agir... não é bonito... não é mesmo nada bonito...

Eva olha para o pai, fatigada por tanta indiferença.

— Mas é a tua filha, Pai. Ele vai fazê-la sofrer.

Eva e o pai estão agora um de cada lado do sofá onde se encontram Lucette e André.

— Evidentemente, é lamentável...

— É tudo o que tens para dizer?

O Pai olha para Eva com um ar desvairado e replica violentamente:

— O que é que tu queres que eu te diga? Eu sabia o que me esperava aqui. Sabia que não poderia fazer nada. Por que me impediste de partir?

Depois a sua cólera recai sobre André.

— Vemos-te, André, e ouvimos-te. Terás que prestar contas um dia. Assassino! Sabemos tudo, percebes?... Lucette, por amor de Deus, Lucette, ouve-me, eu...

Lucette, com a cabeça sempre no ombro de André, sorrindo por entre as lágrimas e encostando-se cada vez mais a ele, diz:

— Você é bom, André...

O Pai pára de repente a meio da frase. Depois, a sua cólera desaparece, afasta os braços num gesto de resignação entristecido e, dirigindo-se a Eva, diz-lhe:

— Vês o que me obrigas a fazer, minha filha? Sinto-me ridículo... Prefiro ir-me embora...

Dirige-se para a porta, mas Eva corre atrás dele:

— Lucette era a tua preferida.

— Verás que esquecemos depressa... Quando tu estavas noiva inquietava-me ver-te com esse safado e disse-to muitas vezes. Mas tu sorrias-lhe sem me ouvires, como Lucette...

Continuam a andar até à porta:

— Então adeus, minha filha. Vais fazer com que chegue atrasado. Tenho um bridge dentro de dez minutos.

Eva espanta-se:

— Um bridge?

— Sim, observamos os vivos a jogar. Vemos os quatro jogos. É muito divertido. E jogaríamos incomparavelmente melhor que eles, se tivéssemos as cartas...

Falando sempre, Eva e o pai chegaram à porta da sala. No limiar viram-se para trás.

André e Lucette levantaram-se. André aperta contra si a sua jovem cunhada, enlaçada pela Cintura, e condu-la para um outro quarto, cuja porta abre.

Quando vão a sair, Eva precipita-se para os seguir, mas chega à porta no momento em que André a fecha.

Eva, perturbada, apóia-se contra a porta, bate nela com toda a força sem se ouvir som nenhum.

Ao mesmo tempo, chama angustiadamente:

— Lucette! Lucette!

Pára de bater e volta-se para o pai. Este está prestes a partir. Olha para Eva e aconselha-a:

— Não voltes mais aqui, se te afliges tanto. Bom... até à vista, minha filha... até à vista...

Desaparece.

Eva fica um momento no mesmo sítio e deita um último olhar à porta.

A CASA INTERIOR

A velha senhora está sentada à secretária. Na frente dela, de pé, muito intimidada, está uma rapariga muito nova em pull-over. Os cabelos revoltos estão molhados e caem completamente escorridos à volta do rosto. A velha senhora estende-lhe a caneta, dizendo num tom entre rabugento e afectuoso:

— É bonito afogar-se com essa idade!... Assine... Agora está arrumada...

E como a pequena fica diante dela, de olhos baixos, ela acrescenta:

— A saída é por ali, minha filha.

A pequena sai.

A velha senhora abana a cabeça, passa com o mata-borrão por cima da assinatura e diz-lhe, fechando o livro de registos:

— Pronto... Por hoje, está terminado. Nesse mesmo instante uma voz de homem, grave e poderosa, enche o aposento:

— Não, Madame Barbezat!

A velha estremece e toma de repente o ar contrito duma empregada chamada à ordem. A voz continua:

— Queira consultar o seu registo no capítulo: «Reclamações»

— Sim, senhor Director responde a velha humildemente, sem erguer os olhos.

Abre o registo, ajusta o lorgnon e consulta o capítulo indicado, ao topo do qual lê esta indicação:

«Pedro Dumaine Eva Charlier. Encontro marcado: 10h30 no parque de Orangerie»

A velha senhora fecha o seu lorgnon e suspira:

— Ora esta! Mais complicações.

UM PARQUE

Pedro e o velho caminham lado a lado numa álea do parque. Pedro, cansado, dirige-se ao companheiro:

— É uma boa porcaria isto de estar morto!

— Sim... mas há, apesar de tudo, pequenas compensações.

— Vê-se que não é uma pessoa exigente!

— Nenhumas responsabilidades. Nada de preocupações materiais. Uma liberdade absoluta. Distracções à escolha.

Pedro troça com amargura:

— O Regente, por exemplo...

— Você coloca-se sempre sob o ponto de vista da terra, mas há-de acabar por me dar razão.

— Espero bem que não. A sabedoria dos mortos desorienta-me.

Nesse momento cruzam-se com uma linda marquesa. O velho segue-a com os olhos sorrindo, e acrescenta:

— E depois, há lindas mortas... Pedro não responde.

Pouco a pouco chega aos ouvidos de Pedro um trilo fanhoso de flauta, que se aproxima cada vez mais.

De repente, Pedro vê na sua frente um mendigo velho e cego, agachado na esquina duma álea do jardim. Colocou a gamela diante dele e toca flauta. Os vivos, ao passar, atiram-lhe dinheiro para dentro.

Pedro pára diante do cego, observa-o e diz:

— São os vivos que me interessam... Repare neste velho vagabundo. É um pobre homem, o último dos homens, mas está vivo.

De mansinho, agacha-se junto do cego e contempla-o, como fascinado... Toca-lhe no braço, depois no ombro, e diz encantado:

— Está vivo!

Levanta os olhos para o velho e pergunta-lhe:

— Nunca aconteceu a ninguém voltar à terra para tratar das suas coisas?

Mas o velho não ouve, demasiado ocupado a sorrir à linda marquesa do século XVIII que torna a passar perto deles. Muito animado, o velho desculpa-se junto de Pedro:

— Dá-me licença?

Pedro responde com indiferença;

— Faz favor...

O velho dá dois passos na direcção da marquesa, depois reconsidera e acha que deve explicar:

— Isto nunca vai muito longe, mas faz passar o tempo.

Depois, cheio de vivacidade, segue-a.

Pedro passa o braço por cima do ombro do vagabundo e aperta-se contra ele, como se lhe quisesse tirar um pouco do seu calor...

Por instantes, fica nesta atitude, até que ouve uma voz que lhe pergunta:

— O que é que está a fazer aí? Pedro reconhece a voz de Eva. Volta-se e levanta-se bruscamente.

A jovem senhora observa-o e sorri-lhe.

— Não há motivo para risos diz Pedro.

— Estava tão engraçado com esse homenzinho!

— Está vivo, percebe? responde-lhe ele como a desculpar-se.

— É um Pobre velho! — murmura ela. — Dava-me sempre alguma coisa ao passar... mas agora...

Sempre a falar, senta-se por sua vez junto do homenzinho, que contempla com um sentimento misto de pena e de inveja...

Pedro torna a sentar-se do outro lado do cego e ficam assim, um de cada lado do pedinte.

— Pois é, agora nós é que precisávamos dele. Ah! Se eu pudesse meter-me na pele dele e voltar à terra por um momento, só por um curto momento.

— Isso também a mim me faria jeito.

— Tem aborrecimentos do outro lado?

— Um único, mas que tem muita importância.

Enquanto falam, o cego começa a coçar-se; primeiro discretamente, depois com mais intensidade.

Nem Pedro, nem Eva reparam nisso imediatamente, porque desde que começaram a falar das suas contrariedades, deixaram de o observar, ou, por outra, observam-se agora um ao outro.

— Comigo acontece a mesma coisa — diz Pedro —. Talvez seja ridículo, mas não posso esquecê-lo.

De repente, sem razão aparente, desata a rir.

— O que é que o faz rir? pergunta ela.

— Estou a vê-la metida na pele do velho. Eva encolhe os ombros.

— Esta, ou outra qualquer...

— Perdia na troca afirma Pedro, olhando-a.

Nesse momento o cego deixa bruscamente de tocar e coça a barriga da perna com violência.

Eva levanta-se e admite:

— De qualquer maneira, gostaria mais de arranjar uma outra.

Sorrindo, Pedro levanta-se também, e afastam-se abandonando o velho cego.

Lado a lado, caminham agora por uma álea do parque. Não falam.

A pequena distância deles, cruzam-se com duas mulheres. Pedro deita um olhar crítico a cada uma e declara de súbito:

— Deve ser raro. Eva não entende.

— O quê?

— Uma viva com quem você não perdesse na troca.

Eva sorri ao cumprimento, mas, nesse mesmo instante, cruzam-se com uma mulher elegante e bonita.

Eva diz, afirmativa:

— Esta...

Pedro faz que não com a cabeça, como se Eva não tivesse gosto nenhum, e, com a maior naturalidade, toma-lhe o braço. Ela tem uma pequena reacção, mas não tenta libertar-se.

Sem o olhar, Pedro diz então:

— Você é bonita!

Era rectifica Eva a sorrir. Continuando sem a olhar, Pedro responde:

— É bonita! A morte fica-lhe bem. E depois tem um destes vestidos...

— É um roupão.

Mas poderia pô-lo para ir a um baile. Ficam ambos um momento silenciosos, depois ele pergunta:

— Vivia na cidade?

— Sim.

— É estúpido murmura ele. Se eu a tivesse encontrado antes...

— O que é que teria feito?

Pedro volta-se de repente para ela com uma espécie de arrebatamento. Vai dizer qualquer coisa, mas as palavras morrem-lhe na boca.

O seu rosto entristece-se e resmunga:

— Nada.

Eva observa-o com um olhar interrogador. Ele encolhe os ombros, depois pára bruscamente e diz:

— Olhe... repare naqueles dois.

Um automóvel luxuoso com motorista fardado acaba de parar junto do passeio.

Uma senhora nova, muito bonita e elegante, desce e dá alguns passos, seguida de um cão pelo de arame que leva à trela.

No mesmo passeio, vindo em sentido contrário, aproxima-se um operário com cerca de trinta anos, que traz ao ombro um tubo de fundição.

— Ela verifica Pedro é quase o seu gênero, mas não tão bem. Ele é um tipo como eu, também menos bem...

Enquanto ele fala, a senhora bonita e o operário cruzam-se.

— ...Encontram-se prossegue Pedro...

A senhora elegante e o operário afastam-se, cada um para seu lado.

Pedro volta-se para Eva e conclui com simplicidade:

— E aí tem... nem sequer se olharam. Em silêncio, continuam o passeio.

UM ESTABELECIMENTO MUNDANO NO PARQUE

Um estabelecimento muito chique, uma espécie de leitaria mundana com um grande terraço. Mesas e cadeiras em bambu, um caramanchão branco e uma pista para quem quiser dançar. Algumas das mesas estão ocupadas por clientes muito elegantes.

A senhora que acaba de descer do automóvel vai ao encontro dos seus amigos.

Dois cavalos aparelhados estão presos a uma estaca. Uma amazona desce do cavalo, ajudada por um lad.

Pedro e Eva, continuando o seu passeio em silêncio, chegam diante do estabelecimento. Pedro propõe à companheira:

— Vamo-nos sentar.

Dirigem-se para a leitaria no momento em que a amazona passa mesmo diante deles e Pedro, seguindo-a com o olhar, diz:

— Nunca compreendi porque é que se mascaram para andar a cavalo.

Eva concorda alegremente com ele: Era o que eu lhe dizia tantas vezes. E acrescenta em direcção à amazona:

— Não é verdade, Madalena? Pedro, embaraçado, diz:

— Ah! Conhecia-a? Peço-lhe desculpa...

— É uma das relações do meu marido esclarece Eva a rir.

Madalena aproximou-se de um grupo de três pessoas, dois homens e uma mulher. Os dois homens levantam-se e beijam cerimoniosamente a mão da recém-chegada. Trajam elegantes fatos de montar: chapéu claro, casaco arredondado, gravata branca. Um dos cavaleiros oferece gentilmente uma cadeira à amazona.

— Sente-se, querida amiga.

A jovem senhora senta-se, põe o chapéu em cima da mesa, ajeita os cabelos e diz com uma voz mundana:

— O bosque esta manhã estava um verdadeiro encanto.

Pedro observou a cena. Pergunta:

— Também lhe beijavam a mão?

— Às vezes.

Então Pedro convida-a a sentar-se, sem tocar na cadeira, e, imitando os gestos e a voz do cavalheiro, diz:

— Sente-se, querida amiga.

Eva participando na comédia senta-se e dá a mão a beijar, com uma graça afectada.

Depois de uma pequena hesitação, Pedro agarra a mão que ela lhe estende e beija-a pouco à vontade, mas com gentileza apesar de tudo. Depois senta-se ao lado de Eva e declara com uma voz natural:

— Tenho de treinar a sério.

Eva responde, imitando a voz da amazona e fazendo trejeitos como ela:

— De modo nenhum, querido amigo, você tem queda.

Mas Pedro não dá pelo gracejo. Olha em direcção aos cavaleiros com um ar sombrio.

Depois, os olhos perdem-se no vácuo e fica pensativo.

Eva observa-o por um momento; por fim, para dizer qualquer coisa, pergunta:

— Agrada-lhe este sítio?

— Sim, mas não as pessoas que cá vêm.

— Eu vinha aqui muitas vezes.

— Não digo isto por si responde ele, sempre preocupado.

De novo se estabelece um silêncio entre eles.

— Não é muito conversador censura-lhe ela por fim.

Pedro volta-se para ela:

— É verdade... diz Mas, oiça... Mas parece um pouco desnorteado. Olha-a com grande ternura.

— Gostaria de dizer-lhe muitas coisas, mas sinto-me vazio logo que começo a falar. Foge-me tudo da idéia. Por exemplo, acho-a linda; mas a verdade é que isso não me dá nenhum prazer. É como se lamentasse qualquer coisa...

Eva sorri-lhe com uma doçura triste.

Vai falar certamente, mas é impedida por duas vozes alegres muito próximas. Pertencem a um rapaz e uma rapariga que hesitam em frente duma mesa vazia.

O rapaz pergunta:

— Ali?

— Como quiser.

— Defronte um do outro, ou ao meu lado? A rapariga, depois duma breve hesitação, decide cheia de rubor.

— A seu lado...

Ocupam lugares na mesma mesa onde estão Eva e Pedro. Enquanto a rapariga hesita na escolha do lugar, Pedro fez um gesto maquinal de se levantar para lhe ceder o seu...

Entretanto, um criado aproxima-se e o rapaz encomenda:

— Dois cálices de porto.

Eva contempla os dois jovens e diz:

— Ela é bonita.

Pedro, sem deixar de olhar a sua companheira, sorri e concorda:

— Muito bonita.

Mas sente-se que é em Eva que ele pensa. Ela percebe-o e perturba-se um pouco. A rapariga pergunta:

— Em que é que pensa?

— Penso responde o rapaz que habitamos há vinte anos a mesma cidade e por pouco não nos chegávamos a conhecer.

— Se Maria não tivesse sido convidada para casa do Luciano...

— Talvez nunca nos tivéssemos encontrado. E exclamam ao mesmo tempo:

— Livrámo-nos de boa!

A criada colocou dois cálices diante deles. Seguram-nos e tocam um no outro, gravemente, os olhos nos olhos.

Enquanto os copos se tocam, as vozes dos jovens atenuam-se e são as vozes de Pedro e Eva que pronunciam:

— À sua saúde!

— À sua saúde!...

As vozes dos dois jovens, por momentos abafadas, fazem-se de novo mais distintas. Ela, em tom de censura:

Naquele dia parecia nem sequer reparar em mim.

— Eu? — protesta o rapaz indignado. — Mal a vi, pensei logo: ela é feita para mim. Pensei-o e senti-o no meu corpo...

Pedro e Eva olham-se, ouvem sem falar e sente-se que eles gostariam que as palavras dos jovens fossem as suas. Os lábios deles têm por vezes movimentos nervosos como se fossem falar.

O jovem continua:

— Sinto-me mais forte e mais seguro do que antes, Joana. Hoje sinto-me capaz de levantar montanhas.

O rosto de Pedro anima-se e olha para Eva como se a desejasse. O rapaz estende a mão à amiga que lhe dá a sua.

Pedro agarra a mão de Eva.

— Amo-a murmurou o rapaz. Os jovens beijam-se.

Eva e Pedro olham-se, profundamente perturbados. Ele faz menção de abrir a boca, como se fosse dizer: «Amo-a...»

O rosto de Eva aproxima-se do seu. Tem-se a impressão de que eles se vão beijar. Mas Eva torna a si. Afasta-se de Pedro e Levanta-se, sem contudo desprender a mão.

— Venha dançar diz-lhe ela. Pedro olha-a, espantado:

— Danço muito mal, sabe...

— Não tem importância, venha.

Pedro levanta-se, hesitando ainda:

— Toda a gente vai olhar para nós... Desta vez Eva ri abertamente.

— Mas não, ninguém.

Por sua vez, ele ri da sua distracção e enlaça-a com uma certa timidez. Alcançam a pista, passando por entre as mesas. Em breve estão sozinhos na pista e Pedro conduz a sua companheira com mais segurança.

— Que história era aquela de há bocado? pergunta Eva Você dança até muito bem.

— É a primeira vez que me dizem isso.

— O que lhe fazia falta era eu, para companheira de dança.

— Começo a acreditar...

Olham-se e dançam em silêncio por um momento.

— Diga-me — pergunta Pedro de repente —, o que é que se passa? Não pensava senão nos meus aborrecimentos há bocado e agora estou aqui. Danço e não vejo senão o seu sorriso... Se isto fosse a morte...

— Isto?

— Sim, dançar consigo sempre, só a ver a si, esquecer tudo o resto...

— E depois?

— A morte valia mais que a vida. Não acha?

— Aperte-me com força diz ela baixinho. Os rostos estão muito perto um do outro.

Dançam ainda um instante e ela repete:

— Aperte-me com mais força...

Bruscamente, o rosto de Pedro entristece-se. Pára de dançar, afasta-se um pouco de Eva e exclama:

— É uma comédia. Nem sequer cheguei a tocar a sua cintura...

Eva, por sua vez, compreende.

— É verdade — diz ela com lentidão —, estamos a dançar cada um para seu lado.

Ficam de pé, um em frente do outro.

Depois, Pedro estende as mãos como a pousá-las nos ombros de Eva, depois atrai-os para si com uma espécie de desespero:

— Meu Deus, seria tão agradável poder tocar nos seus ombros. Gostaria tanto de respirar o seu hálito quando me sorri. Mas até isso me é negado. Encontrei-a demasiado tarde...

Eva põe a mão no ombro de Pedro e olha-o bem nos olhos:

— Daria a minha alma para voltar a viver por instantes e dançar consigo.

— A sua alma?

— É tudo o que nos resta.

Pedro aproxima-se da companheira e torna a enlaçá-la. Põem-se de novo a dançar muito suavemente de cara encostada e olhos fechados.

Subitamente, Pedro e Eva deixam a pista de dança e afastam-se em direcção à rua Laguenésia, cujo cenário de repente se levantou à volta deles, enquanto o da leitaria desaparece lentamente.

Pedro e Eva continuam a dançar sem se aperceberem do que se passou. Estão agora absolutamente sós no beco, onde apenas se vislumbra, ao fundo, a loja...

Por fim, num movimento lento, o par deixa de dançar. Abrem os olhos e ficam imóveis. Eva afasta-se um pouco e diz:

— Tenho que o deixar. Esperam-me.

— A mim também.

Só nesse momento é que eles olham em torno e reconhecem o Beco Laguenésia.

Pedro levanta a cabeça, como se ouvisse um chamamento e diz:

— É a nós dois que esperam...

Juntos dirigem-se para a loja sombria; a música de dança vai-se distanciando, e ouve-se retinir a campainha da entrada.

A CASA INTERIOR

A velha senhora está sentada à secretária, os cotovelos sobre o livro grande dos registos, o queixo apoiado nas mãos.

O gato está instalado em cima do livro dos registos como de costume.

Eva e Pedro aproximam-se timidamente da velha senhora.

Esta endireita-se, dizendo:

— Ah! ei-los!... Estão atrasados cinco minutos.

— Não nos teríamos enganado? pergunta Pedro. Esperava-nos?

A velha senhora abre o livro grande numa página que está marcada com um sinal, e começa a ler com uma voz de escrivão, fria e sem timbre:

— Artigo 140: Se, em conseqüência de um erro unicamente imputável à direcção, um homem e uma mulher, destinados um ao outro não se tenham encontrado em vida, poderão pedir e obter autorização de voltar à terra sob certas condições para aí poderem amar-se e viver a vida em comum de que tinham sido injustamente privados.

Terminada a leitura, levanta a cabeça e olha através do lorgnon o casal pasmado.

— É mesmo por isso que estão aqui? Pedro e Eva olham-se e no seu espanto há uma grande alegria.

— Quer dizer... faz Pedro.

— Querem voltar à terra?

— Meu Deus, minha senhora... diz Eva. A velha senhora insiste com uma ligeira irritação:

— Estou a fazer-lhes uma pergunta concreta — diz ela com impaciência —, respondam.

Pedro lança à sua companheira um novo olhar alegremente interrogador. Com a cabeça Eva diz: «Sim...» Então ele volta-se para a velha senhora e declara:

— Queremos sim, minha senhora. Se isso é possível, queremos.

— É possível, sim — garante a velha —, complica grandemente o serviço, mas é possível.

Pedro agarra com rapidez o braço de Eva. Mas larga-o em seguida e o seu rosto torna-se de novo sério sob o olhar severo que lhe lança a velha.

Como um funcionário do registo civil, ela pergunta a Pedro:

— Pretende ter sido feito para a senhora?

— Sim diz ele timidamente.

— Senhora Charlier, pretende ter sido feita para o senhor?

Corando como uma recém-casada, Eva diz:

— Sim...

A velha senhora inclina-se então sobre o livro e fala entre dentes:

— Camus... Cera... Charlot... Charlier... cá está... Da, di, do... Dumaine cá está, cá está, sim senhor. Estavam realmente destinados um ao outro. Mas houve um engano nos serviços de nascimento.

Eva e Pedro sorriem, felizes e confusos, e apertam as mãos às escondidas. Eva está um bocado admirada, Pedro vaidoso. A velha senhora inclina-se para trás, examina-os atentamente e observa-os através do seu lorgnon.

— Lindo par! comenta ela.

Entretanto a velha senhora inclina-se de novo sobre o livro de registo no qual está escrito o famoso artigo n.° 140, mas desta vez apenas para resumir:

— Eis as condições às quais terão que obedecer. Tornarão à vida. Não esquecerão nada do que aprenderam agora. Se no fim de vinte e quatro horas vocês tiverem conseguido amar-se com toda a confiança e com todas as vossas forças terão direito a uma nova vida humana.

Depois designou um despertador que está em cima da secretária e diz:

— Se dentro de vinte e quatro horas, ou seja amanhã às 10:30, não tiverem conseguido...

Pedro e Eva olham com angústia para o despertador.

— ...Se entre vocês houver a mais pequena desconfiança... voltarão a ver-me e reocuparão o vosso lugar entre nós. Perceberam?

Há em Pedro e Eva um misto de alegria e de medo que se traduz por uma tímida aquiescência. Entretanto a velha senhora levanta-se e diz com solenidade:

— Pois bem, eis-vos unidos.

Depois, mudando de tom, estende-lhes a mão com um sorriso!

— Os meus parabéns!

— Obrigado responde Pedro.

— Os meus votos acompanham-vos.

Pedro e Eva inclinam-se. Depois, de mãos dadas, um pouco embaraçados, dirigem-se para a porta.

— Desculpe, minha senhora, mas quando chegarmos lá abaixo o que irão pensar os vivos?

— Não teremos um ar demasiado suspeito? pergunta Eva inquieta.

A velha senhora abana a cabeça ao mesmo tempo que fecha o livro dos registos:

— Não se preocupem. Nós tornaremos a pôr as coisas onde elas se encontravam no momento preciso em que vocês morreram. Ninguém vos tomará por fantasmas.

— Obrigada, minha senhora...

Eva e Pedro tornam a inclinar-se. Depois, saem, sempre de mãos dadas.

A PEQUENA RUA E A PRAÇA

Estão na pequena rua onde Pedro encontrou o velho, quando saía da sua primeira entrevista. No extremo da rua, avista-se a praçazinha, na qual se cruzam vivos e mortos.

Ao lado da porta, sentado em cima de um marco, o velho «espera os clientes». Perto, agachado sobre um degrau, está um operário de cerca de quarenta anos. Pedro e Eva acabam de sair de casa da velha senhora e dão alguns passos.

O velho, que apenas os vê de costas, não os reconhece. Levanta-se rapidamente e diz com uma requintada cortesia:

— Sejam bem-vindos entre nós.

Pedro e Eva voltam-se enquanto ele esboça uma reverência. Reconhecendo os seus antigos companheiros, surpreendido, deixa a reverência em suspenso e exclama:

— Mas, são vocês? Tinham alguma reclamação a fazer?

— Lembra-se do que eu lhe perguntei? — diz Pedro. Se nunca ninguém voltava à terra. Pois bem, nós voltamos.

Enquanto falava, deu o braço a Eva.

Por detrás deles, o operário ergueu a cabeça. Levanta-se e aproxima-se do grupo, mas com um rosto cheio de interesse e de esperança.

— É uma concessão especial? pergunta o velho.

— É o artigo 140 — explica Eva —. Tínhamos sido feitos um para o outro.

— Dou-lhes os meus parabéns diz o velho. Ia propor-me para guia, mas nesse caso...

Tem um risinho cúmplice:

— Passarão bem sem mim... minha senhora. — Pedro e Eva, divertidos, dizem-lhe adeus amavelmente, voltam-se e dão de cara com o operário que lhes diz, com uma grande esperança mas muita timidez:

— Peço desculpa, meus senhores, minhas senhoras... mas é verdade o que estão a dizer? Vão voltar à terra?

— É verdade, meu velho diz Pedro.

— Porquê?

— Gostaria de pedir-lhes um favor...

— Diga sempre.

— Pois bem... Morri há dezoito meses. A minha mulher tem um amante. Para isso, estou-me nas tintas. Mas é por causa da minha miúda. Tem oito anos e o tipo não gosta dela. Se pudessem ir buscá-la e pô-la noutro sítio...

— Ele bate-lhe? pergunta Eva.

— Todos os dias responde o outro... A minha mulher consente. Ela trá-lo nas palminhas, compreendem...

Pedro dá-lhe uma palmada amigável nas costas:

— Trataremos do caso da tua miúda.

— Verdade, verdade? Querem fazê-lo?

— Fica prometido assegura Eva por sua vez. Onde mora?

— Na Rua Stanislas, n.° 13. O meu nome é Astruc... Não esquecem?

— Está prometido afirma Pedro. Eu moro muito perto. E agora, deixe-nos, meu velho...

O operário, muito comovido, recua desajeitadamente murmurando:

— Muito obrigado, meus senhores, senhoras... muito obrigado... e boa sorte.

Afasta-se alguns passos, volta-se e olha mais uma vez para Eva e Pedro com uma expressão de esperança e de inveja...

Pedro rodeia a companheira com os braços. Estão radiantes.

— Como é que se chama? pergunta Pedro.

— Eva. E você?

— Pedro.

Depois, inclina-se para ela e beija-a. Bruscamente, as luzes apagam-se e Eva e Pedro são apenas duas sombras que, por sua vez, desaparecem completamente.

Não fica senão o operário no meio da rua a acenar com a boina e a gritar com toda a força:

— Boa sorte!... Boa sorte!...

A ESTRADA DOS ARREDORES

Na estrada dos arredores, a roda da bicicleta de Pedro continua a rodar lentamente. Pedro está deitado no chão rodeado de operários.

De repente, Pedro mexe-se e levanta a cabeça. O chefe miliciano grita:

— Desempeçam a calçada!

Pedro é despertado do seu torpor por esta voz de comando. Olha e ouve um dos operários gritar:

— Abaixo a milícia!

Dois milicianos, à testa do destacamento, levantam as metralhadoras a um sinal do chefe que grita:

— Pela última vez, ordeno-vos que desempeçam a calçada!

Bruscamente, Pedro apercebe-se do perigo, levanta-se e ordena aos seus camaradas:

— Eh lá! Nada de asneiras!

Alguns homens rodeiam Pedro, amparando-o, enquanto os outros continuam a fazer frente aos milicianos com tijolos e pás nas mãos.

Pedro insiste zangado:

— Arredem, por amor de Deus... vocês vêem bem que eles vão atirar.

Hesitantes, os operários desimpedem a rua. Os tijolos caem das mãos e as metralhadoras baixam. Um operário levanta do chão a bicicleta de Pedro.

Então o chefe miliciano volta-se para os seus homens e ordena:

— Em frente, marche!

O destacamento passa, afasta-se ao ritmo pesado da marcha que se atenua progressivamente...

O QUARTO DE EVA

No quarto de Eva, a mão de André puxa o cobertor de peles para cima do corpo de sua mulher.

André endireita-se lentamente, com a expressão sabiamente arranjada de bom marido choroso, quando de repente o seu rosto muda, empalidece, e o olhar se fixa na cabeceira da cama.

Eva acaba de se mexer ligeiramente. Depois, abre os olhos, fita o marido que a contempla como fascinado.

Ajoelhada junto da cama, o rosto escondido no cobertor, Lucette soluça com a mão de Eva na sua. Eva mal lhe lança um rápido olhar, levanta os olhos para o marido e os seus lábios esboçam uma espécie de sorriso aterrador que significa: «Como vês, eu não estou morta...»

A ESTRADA DOS ARREDORES

Pedro está de pé, na beira da estrada, apoiado a Paulo. Alguns operários rodeiam-no. Vêem os milicianos afastar-se, escutando a cadência dos seus passos diminuir.

Por fim, com um grande suspiro de alívio, Paulo volta-se para Pedro:

— Meteste-me um susto, patife... Julguei que eles te tinham caçado.

Todos os homens presentes se ressentem não só do espanto mas também de um certo mal-estar...

Tudo devido ao perigo que acabam de correr e também à rápida ressurreição de Pedro. Este mostra a manga furada à altura do ombro.

— Por um triz. diz ele O tiro de pistola apanhou-me de surpresa. Esmurrei as ventas.

Sorri. O seu rosto resplandece de uma espécie de encantamento incrédulo que aumenta o mal-estar dos companheiros.

Paulo abana a cabeça:

— Mas, meu velho, eu ia jurar...

— Eu também — responde Pedro.

— Queres que a gente te ajude? propõe um operário.

— Não, não, cá vou indo.

Pedro arrisca alguns passos seguido de Paulo.

À volta deles os últimos operários dispersam-se em silêncio, menos aquele que apanhou a bicicleta.

Pedro dirige-se para ele enquanto Paulo lança um olhar cheio de raiva em direcção aos milicianos, e diz com acrimônia:

— Aqueles montes de esterco! Amanhã terão menos arrogância.

Pedro parou no meio da estrada e olha para o chão. Responde com um ar distante:

— Amanhã? Nada feito!

— Que estás tu a dizer? inquire Paulo com espanto.

Pedro abaixou-se para afastar com precaução um tijolo abandonado, ao mesmo tempo que responde:

— Não te preocupes.

Toma o peso do tijolo, fá-lo saltar de uma mão para outra, e verifica sorrindo:

— Isto pesa, arranha...

Paulo e o outro operário trocam um olhar inquieto.

Entretanto, Pedro examina rapidamente o cenário que o cerca, e o seu rosto ilumina-se: acaba de avistar uma velha cabana desmantelada, apenas com um vidro intacto. Atira o tijolo com toda a força e parte o último vidro.

Então, vira-se para os companheiros e diz:

— Apre! Isto alivia.

Depois monta na bicicleta e diz a Paulo:

— Às seis em casa de Dixonne. Como sempre.

Paulo e o operário sentem a mesma coisa: Pedro não está bem. Trocam um olhar e Paulo pergunta-lhe:

— Pedro, sentes-te bem? Não queres que eu vá contigo?

— Não te preocupes, não temo nada. Depois, apóia-se nos pedais e afasta-se.

— Não devias deixá-lo aconselha o operário a Paulo. Tem um ar...

A decisão de Paulo é rápida:

— Levo a tua bicicleta diz com rapidez. Vai buscar uma bicicleta que está da parte de baixo da estrada, monta nela e vai atrás de Pedro.

O QUARTO DE EVA

Lucette continua caída sobre a cama e aperta a mão da irmã. Repentinamente a mão mexe-se...

Lucette endireita-se, olha Eva com espanto e grita:

— Eva, minha querida, Eva...

Lança-se nos braços da irmã e aperta-a soluçando.

Eva estreita-a contra si com um gesto protector repassado de ternura, mas o seu olhar continua fixo no marido...

Lucette balbucia através das lágrimas:

— Eva... meteste-me um susto... Eu julguei...

Eva interrompe-a com doçura: Eu sei.

André, sempre imóvel, fascinado, volta-se e diz, dirigindo-se para a porta:

— Vou chamar o médico...

— É inútil, André diz Eva.

André, que tinha alcançado a porta, volta-se e observa embaraçado:

— Mas, sim, com certeza que...

Sai rapidamente batendo com a porta. Depois de ele ter saído, Eva senta-se na cama e pede à irmã:

— Dás-me um espelho, por favor? Lucette olha-a admirada.

— Tu...

— Sim, o meu espelho que está em cima da mesa do toucador.

No vestíbulo André dirige-se para a porta de saída da casa. Lança por sobre o ombro um olhar inquieto...

Põe o chapéu maquinalmente e agarra a bengala que agita com irritação, e sai.

Lucette, inclinada sobre Eva, estende-lhe o espelho que ela tinha pedido.

A mão de Eva segura-o, contempla avidamente a sua imagem, e murmura:

— Vejo-me...

— Que estás tu a dizer? pergunta Lucette.

— Nada. replica Eva.

Lucette senta-se na borda da cama e olha para a irmã com inquietação.

Eva coloca o espelho em cima da cama, agarra na mão da irmã mais nova e, com um ar grave, pergunta ternamente:

— Lucette, o que é que há entre ti e o André?

Lucette abre desmedidamente os olhos, espantados. Está um pouco embaraçada, mas é sincera.

— Mas não há nada. O que é que tu queres que haja? Gosto muito dele.

Eva acaricia os cabelos de Lucette e fala-lhe afectuosamente:

— Sabes que ele casou comigo pelo meu dote?

Lucette protesta, indignada:

— Eva!

— Ele odeia-me, Lucette.

— Eva, ele manteve-se junto de ti todas as noites, enquanto estiveste doente responde Lucette afastando-se da irmã.

— Atraiçoou-me vezes sem conta. Abre a secretária dele e encontrarás nela cartas de mulheres, em pacotes.

Lucette levanta-se bruscamente. Está indignada e incrédula.

— Eva — diz-lhe ela —, tu não tens o direito...

— Vai ver a secretária aconselha Eva calmamente.

Ao mesmo tempo, atira o cobertor para trás e levanta-se, enquanto Lucette recua como se a irmã a assustasse.

A rapariga, com um ar obstinado, um pouco desconfiada, diz ferozmente:

— Não revistarei os papéis de André. Não acredito, Eva. Conheço o André melhor do que tu.

Eva agarra a irmã pelos ombros, olha-a por instantes e diz, sem violência, mas com uma ternura severa e uma leve ironia:

— Conhecê-lo melhor do que eu? Com que já o conheces melhor do que eu? Pois bem, ouve: sabes o que ele fez?

— Não te ouvirei, não quero ouvir mais nada. Tens febre ou queres fazer-me mal.

— Lucette...

— Cala-te!

Quase com brutalidade, Lucette separa-se do abraço da irmã e foge a correr.

Eva deixa cair os braços e vê-a fugir.

A CASA DOS CHARLIER

Pedro dá alguns passos hesitantes, depois pára diante da porta da casa luxuosa onde vive Eva Charlier. Levanta a cabeça, verifica o número e dispõe-se a entrar quando dois oficiais milicianos saem da casa.

Pedro toma imediatamente um ar distraído e espera que eles se afastem para entrar. No mesmo instante, Paulo, de bicicleta, acaba de parar na borda do passeio um pouco mais longe.

Estupefacto, vê Pedro entrar no sumptuoso imóvel...

A ENTRADA DO PRÉDIO

Pedro atravessa lentamente a entrada deserta, aproxima-se do cubículo do porteiro que se vê através da porta envidraçada. O homem está de libré impecável, de um encarnado muito vivo. Pedro entreabre a porta para se informar:

— A Senhora Charlier?

— Terceiro esquerdo indica o outro secamente.

— Obrigado.

Puxa a porta e dirige-se para a grande escadaria. Mas o porteiro que o segue com um ar desconfiado, torna a abrir a porta e ordena brutalmente:

— A escada de serviço é aí à direita. Pedro volta-se bruscamente, abre a boca com um ar furioso, depois encolhe os ombros e enfia por uma porta de lado na qual está uma placa que indica: Serviço.

Eva, que acaba de se vestir, volta para diante do toucador e dá um último retoque. Está nervosa e apressada...

Veste uma saia e casaco sóbrio mas muito distinto. Um casaco de peles está pousado nas costas de uma cadeira.

Batem à porta.

Eva volta-se vivamente.

— Entre.

A criada aparece e anuncia:

— Minha senhora, está ali um indivíduo que quer falar à Senhora. Diz que vem da parte de Pedro Dumaine.

Ao ouvir este nome, Eva estremece. No entanto, consegue dominar-se e pergunta:

— Onde é que ele está?

— Deixei-o na cozinha.

— Faça-o entrar para a sala, vamos.

— Sim, minha senhora.

A sós, Eva esconde subitamente o rosto nas mãos, e concentra-se, um pouco cambaleante, como se tudo girasse à sua volta. Depois, afasta as mãos e toma com um ar decidido a borla de pó de arroz.

Pedro acaba de ser introduzido na sala ao lado pela criada, que se afasta de seguida.

Olha em volta, muito intimidado com todo este luxo que o rodeia. De repente, abre-se a porta. Eva aparece, pára à entrada, muito comovida.

Pedro volta-se, comovido também, e sobretudo muito pouco à vontade. Ri-se, um pouco tolamente, e não encontra mais para dizer do que:

— Pois bem, aqui estou...

Estão ambos muito embaraçados, olham-se e riem com um ar contrafeito, com a diferença que ele se sente num estado de inferioridade terrível, e ela, pelo contrário, está muito comovida.

Ela ri com nervosismo:

— Sim... ei-lo aqui...

Depois, aproximando-se lentamente dele, acrescenta:

— Não devia ter subido pela escada de serviço.

Ruborizado, Pedro diz:

— Oh! eu... isso não tem importância... Subitamente a porta da sala abre-se e Lucette entra de rompante. Só quando fechou a porta, se apercebeu de Pedro.

— Oh, desculpem...

Pedro e Eva estão muito perto um do outro.

Lucette fica por momentos admirada, depois domina-se e dirige-se para uma outra porta, dando uma volta.

Eva agarra Pedro pelo braço e dia-lhe com doçura:

— Venha...

Lucette não pôde impedir-se de se voltar e assiste, estupefacta, à saída deles. Chocada, sai por sua vez batendo com a porta.

Pedro deu alguns passos no quarto de Eva, antes de encarar a jovem que vem ao seu encontro. Imóvel, ela examina-o longamente, com uma espécie de admiração.

— É você... murmura.

— Pois sou... diz ele estupidamente. Sou eu.

Tenta pôr as mãos nos bolsos, mas retira-as quase em seguida.

— Sente-se — diz Eva.

Pedro volta-se, olha para a cadeira que ela lhe oferece, dá um passo e depois declara:

— Prefiro estar de pé.

Põe-se a andar dum lado para o outro, olhando em volta.

— Vive aqui?

— Sim.

Pedro abana a cabeça com amargura.

— É bonita a sua casa...

Eva senta-se aos pés da cama e continua a olhá-lo. Pedro reaproxima-se da cadeira e senta-se. Mantém-se rígido, os pés juntos debaixo da cadeira, o olhar ausente.

Então, de súbito, Eva põe-se a rir nervosamente. Ele olha-a espantado, e já susceptibilizado. Eva não pode conter-se.

— Por que se está a rir?

Ela consegue dominar o riso, à beira das lágrimas.

— Por que tem um ar de quem está a fazer uma visita.

Pedro não fica vexado e responde com gesto de desânimo:

— Era mais fácil lá em cima... Levanta-se, dá alguns passos, mãos atrás das costas, cada vez mais deslocado e aborrecido por tudo o que o rodeia.

Eva, com rosto preocupado, olha-o agora sem uma palavra.

Pedro passa primeiro diante do toucador repleto de frascos, de escovas e de objectos de luxo. Depois pára diante duma vitrina onde estão expostos os bibelots caros: estatuetas chinesas, jades preciosos, jóias antigas delicadamente cinzeladas.

Contempla tudo isto com um ligeiro sorriso de troça e de tristeza. Ao mesmo tempo diz entre dentes como para si próprio:

— Sim, sim, sim...

Depois, sem se voltar, declara:

— Eva... tem que ir a minha casa. Ela pergunta com uma certa angústia:

— Aonde?

— A minha casa torna a dizer com simplicidade.

— Com certeza que hei-de deixar esta casa, Pedro. Segui-lo-ei para onde quiser, mas não imediatamente.

Ele volta para junto dos pés da cama e diz-lhe com um ar preocupado:

— Tinha as minhas dúvidas... O amor é muito bonito entre os mortos. Mas aqui... há tudo isto...

Com a ponta dos dedos toca no casaco de peles que está em cima dos pés da cama.

— Tudo isto? repete Eva.

Ele faz um movimento de cabeça designando o quarto.

— As peles, os tapetes, os bibelots...

Eva compreende e poisa a mão em cima da de Pedro.

— É esta a sua confiança em mim? Não é indo isto que me retém Pedro. Fico por causa da minha irmã. Tenho de defendê-la.

— Como quiser.

E dá dois passos para ir-se embora. Eva levanta-se rapidamente.

— Pedro!

Ele pára, enquanto Eva o alcança, e põe-lhe uma mão no braço murmurando:

— É injusto...

Mas Pedro continua com o semblante carregado. Eva aproxima-se de novo e agarra-lhe o outro braço.

— Não discutamos, Pedro. Não temos tempo. Nesse momento a porta abre-se e André entra, de chapéu na mão.

Lucette, que sem dúvida o informou da insólita atitude da irmã, aparece por detrás dele, mas fica na sala. Pedro e Eva voltam-se sem pressas na direcção da porta.

André, para preencher o silêncio, diz maquinalmente:

— O médico vem dentro de cinco minutos... Eva continua a segurar o braço de Pedro.

Sorri com ironia.

— Desculpa, meu pobre André: mas não só não estou morta, como me sinto completamente bem.

André acusa o toque, depois sorri por sua vez:

— Bem vejo.

Caminha pelo quarto, põe o chapéu numa cadeira, e diz com um ar falsamente desenvolto:

— Não me apresentas?

— É absolutamente inútil.

André volta-se então para Pedro que o observa com um ar de surpresa insolente.

— Nota, que eu não estou interessado. Tens uma maneira curiosa de escolher as tuas relações.

Pedro, com um ar ameaçador, dá um passo na direcção de André, mas Eva contém-no:

— Não, Pedro...

Lucette entra no momento do gesto de Pedro. Continua um pouco à parte, mas indubitavelmente está do lado de André.

Entretanto, André, de mãos nas algibeiras do casaco, diz com ar de troça:

— Já lhe chamas Pedro? Já o tratas por tu?

— Pensa o que quiseres, André, mas proíbo-te que diante de Lucette...

— És livre de ires procurar os teus... os teus amigos nos subúrbios, mas proíbo-te de os receberes na minha casa, sobretudo diante de Lucette.

Eva volta a conter Pedro, que se preparava para saltar, continua com doçura:

— És absolutamente ignóbil, André. Pedro consegue separar-se de Eva e avança calmamente sobre André, que, apesar dos seus ares de fanfarrão, recua uns passos; alcança-o e agarra-o pela banda do casaco como se fosse bater-lhe.

Lucette dá um grito e agarra-se ao braço do cunhado:

— André!

Este liberta-se batendo na mão de Pedro, que continua postado diante dele. André consegue afivelar um sorriso trêmulo no rosto contraído.

— No nosso meio, senhor, não nos batemos com um qualquer...

— Diga antes que tem medo replica Pedro.

Com um movimento rápido torna a agarrá-lo pela banda e sacode-o com violência. De novo Eva se interpõe entre os dois:

— Pedro, por favor...

Pedro, reconsiderando, larga André que recua, sempre com Lucette agarrada a ele.

Então, Eva estende a mão em direcção à irmã e puxa-a.

— Vem, Lucette...

Mas Lucette encosta-se com mais força a André e recua, gritando:

— Não me toques...

Eva pára de repente, o braço cai-lhe sem força.

— Está bem...

Depois, com a face rígida, volta-se para Pedro:

— Queria que eu partisse consigo? 'diz ela. Pois bem, leve-me, nada mais tenho a fazer aqui.

Com um gesto rápido, agarra o casaco, a carteira e volta para Pedro a quem dá o braço, olhando pela última vez Lucette, que se esconde por detrás de André. Este, com um ar protector, passa o braço por cima das costas da rapariga e diz com um ar irônico e triunfante:

— Bonito exemplo para tua irmã. Eva puxa por Pedro, e saem...

A CASA DOS CHARLIER

A uma vintena de metros da casa, ao pé de uma árvore, Paulo fuma um cigarro, vigiando a entrada da casa. Tem a bicicleta junto dele, encostada à árvore.

Subitamente, Paulo endireita-se e olha, depois contorna a árvore por detrás da qual se oculta.

Eva e Pedro acabam de sair de casa e afastam-se rapidamente...

Por momentos Paulo segue-os com o olhar, depois, sem pressas, agarra na bicicleta pela mão e põe-se a seguir o par.

Ao lado de Pedro, Eva caminha resolutamente mas com um ar triste. Dá o braço a Pedro sem o olhar.

Pedro observa-a em silêncio e vê-lhe lágrimas nos olhos. Agarra-lhe a mão, aperta-a e diz com doçura:

— Eva, não esteja triste...

Estas simples palavras fazem brotar as lágrimas de Eva. Pára de andar e chora com o rosto nas mãos. Pedro aperta-a contra si.

— Eva!...

Ela tem uma breve crise de lágrimas, encostada ao ombro dele, e Pedro muito comovido acaricia-lhe os cabelos.

— Está a pensar na sua irmã? — pergunta. E como ela não responde, insiste:

— Quer voltar atrás e ir ter com ela?

Ela diz que não com a cabeça. Pedro decide-se a pôr-lhe o problema:

— Tem a certeza que não lamenta nada?

Ela levanta a cabeça e olha-o com os olhos cheios de lágrimas. Esforça-se por sorrir e diz com ternura:

— Como poderia eu lamentar-me, Pedro? Isto é apenas o começo entre nós...

Agarra-lhe o braço e arrasta-o. Recomeçam de novo a caminhar. Eva apóia-se em Pedro que olha fixamente para a frente. De repente, ele pergunta com voz dura:

— Gostou deste homem?

— Nunca, Pedro.

— Mas apesar de tudo casou com ele.

— Admirava-o...

— A ele?

— Era mais nova que a minha irmã explica ela com simplicidade.

Pedro acalma-se um pouco, mas acrescenta com um ar preocupado: — Eva, vai ser duro...

— O quê?

— Nós os dois, vai ser duro.

Ela obriga-o a parar e desta vez é ela quem lhe agarra no braço.

— Não, Pedro diz-lhe. Não, se nós tivermos confiança, como dantes.

Ele volta a cabeça, mas Eva obriga-o a fitá-la.

— Dantes, era dantes replica ele.

— Pedro! Pedro! É preciso confiança.

Ela sorri e, mudando de tom, acrescenta:

— É preciso recomeçar desde o início... Venha comigo...

Passivo, ele deixa-se arrastar...

O PARQUE

Pedro e Eva, de mãos dadas, seguem agora a mesma álea onde se tinham encontrado ao pé do cego.

Ouvem o som da flauta que se aproxima, mas uma cantilena substitui a canção que o mendigo tocava da primeira vez.

Eva aparenta uma certa alegria, que ela força um pouco para encorajar o companheiro.

— Está a ouvir? pergunta-lhe ela.

— É o cego responde Pedro.

— Pobre homem... Invejámos-lhe a pele... — Ela ri, mas Pedro diz com pena:

— Não é a mesma canção...

Na curva do caminho, encontram-se com o cego. Eva tira uma nota da carteira e inclina-se para o músico:

— Desculpe — pede-lhe —, importa-se de tocar para nós «Fecha os teus lindos olhos».

O cego parou de tocar, e Eva passa-lhe furtivamente a nota para a mão. O velho apalpa a nota e agradece.

— Isto dar-lhe-á felicidade.

Depois, começa a tocar a canção pedida. Eva sorri a Pedro e dá-lhe o braço.

— Agora diz-lhe tudo é igual. Lentamente continuam o passeio.

Pedro, acanhado, sorri por sua vez e verifica:

— Continua a tocar desafinado. Continua a fazer sol.

— E lá estão de novo aqueles dois acrescenta Pedro.

Diante deles repete-se a cenazinha à qual tinham já assistido.

O carro acaba de parar junto ao passeio; a mulher elegante desce com o seu caniche. O operário cruza-se com ela, levando às costas um cano de fundição.

Como da primeira vez, não prestam a mais leve atenção um ao outro e cada um se afasta na direcção oposta.

Depois de se ter cruzado com Pedro e a companheira, o operário volta-se e olha para Eva. Ela repara no olhar e Pedro acrescenta:

— Tornaram a não se ver. Exactamente a mesma coisa.

Eva rectifica sorrindo:

— Excepto que, desta vez, ele olhou para mim...

Espantado, Pedro volta-se. No mesmo instante, envergonhado de ter sido surpreendido, o operário continua o seu caminho... Pedro, divertido, sorri por sua vez.

— É verdade! E desta vez eu tenho o seu braço no meu verdadeiro braço.

À medida que Pedro e Eva avançam na álea, o som da flauta vai-se afastando para dar lugar à música de dança da leitaria.

Dão mais alguns passos e param em frente da leitaria cujo cenário e personagens não mudaram.

A mesma amazona excêntrica prende o cavalo à barreira e dirige-se para um grupo de snobes que Eva conhece.

— Vamos sentar-nos diz Pedro.

Eva hesita um momento com os olhos postos naquelas pessoas que ela conhece. Pedro repara na hesitação e pergunta:

— O que é que tem?

Mas Eva, que já se dominou, responde:

— Nada.

E, para fazer esquecer esta hesitação, agarra Pedro pela mão e condu-lo por entre as mesas.

Antes que eles tenham chegado ao pé dos snobes, a amazona excêntrica alcança os seus amigos e ouve-se, como da primeira vez, um dos cavaleiros convidá-la:

— Sente-se, querida amiga.

Entretanto a senhora declara num tom afectado:

— Esta manhã, o bosque estava um encanto!

Quando Eva e Pedro passam diante do grupo sentado, um dos cavaleiros esboça o gesto de se levantar para cumprimentar Eva. Mas esta passa rapidamente lançando um breve «Bom dia» e fazendo ver pela sua atitude o desejo de não parar.

— Bom dia, Eva responde a amazona.

Ao passar, Pedro cumprimenta com um gesto maquinal, inclinando ligeiramente a cabeça. O grupo segue-os com um olhar atônito.

— Quem é?

— É Eva Charlier, pois.

— Eva Charlier? Mas o que é que ela anda a fazer com este tipo?

— Era o que eu gostava de saber replica a amazona.

Pedro e Eva aproximaram-se da mesa que tinham ocupado anteriormente, mas esta está ocupada pelo par de namorados.

Ao chegar junto deles, Eva pára uns momentos, depois inclina a cabeça com um sorriso, como se esperasse que os jovens os reconhecessem. Pedro faz um gesto semelhante para exprimir a sua simpatia.

Mas o par olha-os sem compreender e não lhes retribui o cumprimento...

Sem insistir Eva e Pedro voltam para trás e vão sentar-se a uma mesa próxima, voltada para os namorados.

De lá, observam-nos com uma insistência sorridente.

Os jovens, interrompidos no seu colóquio sentimental, estão pouco à vontade, e tentam retomar o fio da conversa. Entretanto, a criada aproxima-se, e pergunta:

— O que toma, minha senhora?

— Um chá.

— E para o senhor? Pedro hesita, atrapalha-se:

— Eu... a mesma coisa...

— China ou Ceilão? pergunta a criada, dirigindo-se sempre a Pedro.

Ele fixa-a com um ar confuso.

— Como diz?

Eva intervém rapidamente e encomenda:

— Ceilão para os dois.

Pedro olha a criada que se afasta, e sorri encolhendo os ombros como se se tratasse de qualquer coisa estranha.

Eva e Pedro voltam agora a sua atenção para os namorados. Estes contemplam-se, olhos nos olhos, embevecidos.

O rapaz toma a mão da rapariga, beija-a com devoção, contempla-a como se se tratasse duma jóia pura. Suspiram.

Pedro e Eva sorriem, com uma pontinha de superioridade. No entanto, ela estende a mão aberta para ele.

— Aproxime a sua.

Pedro dá-lha gentilmente. Com uma curiosidade comovida, Eva agarra na mão dele, e observa-a.

— Gosto das suas mãos.

Pedro encolhe ligeiramente os ombros. Eva passa lentamente a ponta do dedo sobre uma cicatriz.

— O que é isto?

— Um acidente quando eu tinha catorze anos.

— O que é que fazia?

— Era aprendiz. E você?

— Aos 14 anos? Andava no Liceu... Bruscamente Pedro retira a mão, advertindo:

— Os seus amigos estão a olhar para nós. É evidente que o pequeno grupo de snobes se diverte com o comportamento de Eva e Pedro. Um dos cavalheiros e uma das senhoras que os acompanham dão-se as mãos com um ar enamorado enquanto os outros desatam a rir. Eva olha-os com severidade e diz, descontente:

— Não são meus amigos.

Para acentuar a sua reprovação torna a segurar a mão de Pedro. Este sorri e, com gentileza, beija-lhe amorosamente os dedos. Entretanto, quando ia repetir o gesto, sente-se observado pelo par de namorados. Pára, pouco à vontade e furioso.

Eva viu ao mesmo tempo que ele o olhar dos jovens e retira a mão.

Pedro admira-se, mas, com um aceno de cabeça, ela indica os namorados que também pouco à vontade mudam de lugar e vão sentar-se a uma mesa onde só os podem ver de costas. Eva comenta:

— Pensava-os mais simpáticos...

— Nós éramos menos difíceis... responde Pedro.

— Agora embaraçámo-los.

— Não serão antes os seus amigos quem a incomoda?

— O que quer dizer?

— Isso mesmo... Eles não devem estar acostumados a vê-la com um homem como eu.

— Não me ralo com o que possam pensar.

— Tem a certeza de não sentir um bocadinho de vergonha de mim? insiste ele.

— Pedro! Você é que deveria ter vergonha!

Pedro tem um encolher de ombros resignado. Ela olha-o com ar de censura, depois observa os snobes e diz-lhe bruscamente levantando-se:

— Venha dançar.

— A esta hora? replica Pedro sem se mexer da cadeira. Mas ninguém está a dançar.

— Venha, quero dançar.

— Mas porquê? pergunta Pedro, levantando-se contrariado.

— Porque tenho orgulho em si.

Ela condu-lo e passam ao lado da mesa ocupada pelos snobes. Eva desafia-os com o olhar, enquanto Pedro se mostra embaraçado.

Os outros observam-nos até chegarem à pista onde começam a dançar.

De repente, um dos homens, para fazer rir os outros, levanta a gola do casaco e imita uma jasa ordinária. Os risos espalham-se insultuosos.

Um outro cavalheiro levanta-se e afasta-se em direcção da orquestra.

Eva e Pedro continuam a dançar.

— Lembra-se? diz-lhe ela Eu teria dado a minha alma para voltar à terra e dançar consigo...

— E eu teria dado a minha responde ele para tocar na sua cintura e sentir o seu hálito...

Trocaram um rápido e ligeiro beijo na boca. Eva encosta a cara à de Pedro e murmura:

— Aperte-me com força, Pedro, aperte-me com força para que eu sinta os seus braços.

— Tenho medo de a magoar...

Dançam ainda um instante, muito longe de tudo.

Bruscamente, porém, a música muda para uma «valsa-musette» bastante ordinária. Eles param e olham na direcção dos snobes. O cavalheiro, vindo da orquestra, junta-se aos amigos no meio de risos mal reprimidos.

Pedro afasta-se de Eva, seguido pelo olhar inquieto da companheira. Lentamente Pedro chega até à mesa dos snobes. Dirigindo-se ao cavalheiro que tinha mudado o disco, inclina-se para ele e pergunta:

— Não poderia ter perguntado a opinião dos que dançavam antes de mudar os discos?

O outro afecta um ar de surpresa.

— Não gosta das «valsas-musette»?

— E você responde Pedro não gosta de um par de bofetadas?

Mas o cavalheiro tenta ignorar a sua presença e dirige-se a uma das mulheres que o cercam:

— Dá-me a honra desta dança pergunta com ironia.

Então Pedro agarra-o pelas bandas do casaco:

— Responda, estou a falar consigo...

— Mas eu não estou, senhor, eu não estou respondeu o homem.

Eva aproximou-se com rapidez e interpõe-se entre os dois homens.

— Pedro, peço-lhe...

Pedro afasta-a com a mão dizendo:

— Deixe estar...

Mas uma outra mão vem colocar-se no seu ombro. Volta-se bruscamente largando o seu adversário e encontra diante de si um elegante miliciano que o interroga com dureza:

— Ouve lá, tu! Onde julgas que estás? Não podes deixar tranqüilos estes senhores?

Pedro bate na mão que o miliciano tem em cima do seu ombro.

— Tenho horror que me toquem. E principalmente tu.

O miliciano grita fora de si:

— Tens vontade de ir para a grelha? Levanta o punho, mas, no momento em que vai bater, Eva interpõe-se entre os dois homens gritando:

— Pare!

E, aproveitando da hesitação do miliciano, continua com severidade:

— Não sabe que o Regente proíbe qualquer provocação dos membros da milícia?

O miliciano fica um pouco desconcertado.

Eva aproveita para revistar a carteira, tira de lá um cartão que estende ao miliciano.

— Charlier, isto não lhe diz nada? André Charlier, secretário da Milícia? É meu marido.

Pedro olha Eva com uma espécie de pavor. O miliciano, petrificado, balbucia:

— Minha senhora... as minhas desculpas...

— Não lhe peço tanto responde Eva despedindo-o com um gesto autoritário. E agora, desapareça se não quer arranjar sarilhos.

O miliciano cumprimenta, inclina-se e afasta-se a passos largos. Ao mesmo tempo que ele, Pedro volta-se bruscamente e afasta-se no sentido oposto.

Ela chama-o:

— Pedro!

Pedro continua a andar sem voltar a cabeça. Depois de um momento de hesitação, Eva vira-se para o grupo de snobes e diz com violência:

— Pobres imbecis! Estão contentes com o que fizeram? Pois bem, vou dar-lhes satisfação: podem ir repetir por toda a parte que deixei o meu marido, que tenho um amante, e que é um operário.

Depois, deixando os snobes petrificados, lança-se no encalço de Pedro. Sai precipitadamente do estabelecimento, orienta-se um segundo e põe-se a correr ao longo da álea.

Em breve alcança Pedro, que continua a sua marcha nervosamente. Ela põe-se a andar ao lado dele. Por um momento caminham lado a lado. Pedro não olha para ela.

Por fim, ela pergunta:

— Pedro?...

— Secretário da Milícia! — respondeu Pedro.

— Não tenho culpa.

— Muito menos eu.

Depois, cheio de amargura, acrescenta:

— A mulher a quem eu estava destinado! — Ele afrouxa o passo, mas sempre sem olhar Eva que continua:

— Disse-lhes que partia consigo. Estamos ligados, Pedro.

Pára de repente, olha-a pela primeira vez e diz:

— Ligados? O que é que nós temos em comum?

Ela põe-lhe a mão no braço e responde com doçura:

— Temos o nosso amor.

Pedro encolhe os ombros com tristeza.

— É um amor impossível.

Dá três passos na direcção dum banco próximo, depois volta-se.

— Sabe em que é que eu trabalho desde há anos?... Na luta contra si.

Senta-se, mas Eva ainda não entendeu:

— Contra mim?

Enquanto ela se senta junto dele e o olha com gravidade, mas sem surpresa, ele explica:

— Contra o Regente e a Milícia. Contra o seu marido e contra os seus amigos. É a eles que está ligada, não a mim.

Depois atira:

— Conhece a Liga?

— A Liga para a liberdade? — pergunta ela olhando Pedro com um certo receio, como se fosse descobrir um homem novo para ela, mas que não a assusta.

— Fui eu que a fundei. — Eva volta a cabeça e diz:

— Eu detesto a violência...

— A nossa, mas não dele.

— Nunca me ocupei desses assuntos afirma ela.

— É precisamente o que nos separa. Por causa dos seus amigos é que eu estou morto. E se não tivesse tido a sorte de voltar à Terra, amanhã eles teriam massacrado os meus.

Agarrando-lhe a mão, ela rectifica com doçura:

— Foi porque me encontrou que voltou à Terra.

Pouco a pouco, o tom de Pedro torna-se mais brando:

— É verdade, Eva. É verdade... mas odeio os que a rodeiam.

— Não os escolhi.

— Eles marcaram-na.

— Tenha confiança em mim, Pedro. Não temos tempo de duvidar um do outro...

Neste momento uma folha cai entre eles, quase em cima das suas caras. Eva dá um gritinho e faz um gesto para a afastar. Pedro sorri-lhe.

— É uma folha.

— É estúpido... Eu pensei...

— O quê?

Em voz baixa, um pouco trêmula ela confessa.

— Julguei que eram eles...

Pedro olha-a admirado, e depois compreende. É verdade... Devem estar aqui. O velho com o seu chapéu de três bicos e os outros. A assistir ao espectáculo, como em casa do Regente. Divertem-se à nossa custa.

Enquanto ele fala olhando maquinalmente à volta, Eva apanhou a folha e contempla-a:

— Nem todos... Há pelo menos um que tem esperança em nós, aquele que nos pediu para cuidarmos da filha.

— Ah! sim... fez Pedro com um gesto de indiferença.

— Prometemos-lhe, Pedro. Venha diz-lhe levantando-se.

Pedro não se mexe.

Eva estende-lhe a mão sorrindo corajosamente.

— Ajude-me Pedro. Ao menos, não teremos regressado em vão.

Ele levanta-se, sorri-lhe, depois, com um rápido impulso, abraça-a e observa: Não foi pelos outros que viemos... Eva levanta a folha entre as suas caras.

— Comecemos pelo mais fácil aconselha com ternura.

Saem, de braço dado, muito juntos.

UMA RUA DE BAIRRO

Uma rua miserável cheia de casas com fachadas pardacentas. Pedro e Eva atravessam a rua sob o olhar de alguns pobres moradores e de miúdos piolhosos.

Eva olha em volta com um secreto mal-estar. Com um gesto nervoso toca no casaco de peles. Nota-se que sente vergonha.

A rua está juncada de detritos e de latas de conservas vazias, e, aqui e além, há poças de água fétida. Uma velha, andrajosamente vestida, enche dois cântaros na fonte. Depois, carrega-os devagar, curvada sob o peso deles:

Crianças sujas e esfarrapadas brincam na valeta.

Eva encosta-se um pouco mais a Pedro.

Por fim, ao aproximarem-se dum grupo de mulheres muito pobremente vestidas que fazem bicha em frente de uma mercearia sórdida, Pedro consulta os números das portas e para.

— É ali diz ele.

A casa é ainda mais miserável que as outras. A bicha dos pobres prolonga-se pelo passeio estreito e barra a entrada da casa. Eva é alvo de todos os olhares. Está cada vez menos à vontade. Pedro, delicadamente, abre passagem:

— Com licença, minhas senhoras... Depois faz passar Eva à frente e ambos entram em casa.

A ESCADA DA CASA DA RUA STANISLAS

Pedro e Eva sobem uma escada cheia de pó com degraus desiguais. Ladeiam-nos paredes sujas.

Sobem assim dois andares.

Eva reuniu toda a sua coragem, enquanto Pedro lhe espreita as reacções. Cruzam-se com um velhote, de rosto cavado pelas privações e pela doença, que desce tossindo, degrau a degrau.

Eva afasta-se para o deixar passar.

Pedro aproxima-se dela e dá-lhe o braço para a ajudar a subir os degraus.

Eva sorri-lhe corajosamente.

À medida que sobem, aumentam os sons duma lengalenga que a rádio emite. Chegam assim ao terceiro andar. É através duma das portas deste patamar que se ouve o som da telefonia.

Uma miúda está sentada no último degrau, encostada ao corrimão. É magra e está andrajosamente vestida.

Algures um cano de esgoto furado verte águas mal cheirosas que escorrem pelos degraus. Mas a miúda não se incomoda. Apenas se encosta um pouco mais ao corrimão.

— Deve ser a miúda alvitra Pedro.

Com o coração condoído, Eva inclina-se para a criança, que a olha fixamente, e pergunta-lhe com doçura:

— Como te chamas?

— Maria.

— Maria quê?

— Maria Austruc.

Ao ouvir este nome, Pedro e Eva trocam um rápido olhar, enquanto ele se inclina por sua vez para a miúda e lhe pergunta:

— A tua mãe está?

A miúda lança uma olhadela para trás, na direcção de uma das portas.

Pedro encaminha-se para essa porta, mas a criança que o segue com os olhos, adverte:

— Não pode entrar. Ela está com o tio Jorge.

Pedro, que se aprestava para bater, pára, olha para Eva que acaricia os cabelos da miúda, e por fim decide-se a bater à porta devagarinho.

Mas como, do lado de dentro, nada se mexe e a telefonia continua com a algazarra, ele bate com mais força.

Eva, que continua a acariciar a miúda, pergunta-lhe:

— O que estás a fazer aqui?

A criança não responde, ocupada a ver Pedro que continua a bater à porta.

Por fim, ouve-se uma voz de homem vinda do interior:

— Quem é?

— Abra lá, por Deus!

— Já vai, já vai responde a voz... Não se enerve.

A telefonia cala-se bruscamente. Através do tabique Pedro ouve ranger uma cama.

A miúda levantou-se e Eva agarra-lhe a mão com doçura.

Por fim, a porta abre-se. Aparece um homem em mangas de camisa afivelando ainda o cinto das calças.

Olhando Pedro, com o sobrolho carregado, pergunta ameaçador:

— Mas que vem a ser isto, vocês divertem-se a arrombar portas?

Sem responder, Pedro entra no quarto seguido por Eva que continua com a miúda pela mão.

O homem, surpreendido mas subjugado, deixa-os passar. Pedro e Eva entram num quarto que tresanda a miséria.

Apoiada contra uma das paredes, uma cama de ferro, desfeita. Aos pés dessa cama, um pequeno leito de criança.

A um canto, um fogão a gás e uma pia. Sobre a mesa, há pratos e copos sujos, e uma garrafa de vinho meio vazia.

A mulher do morto, sentada na cama, acaba de abotoar um roupão sebento de tecido leve.

Mostra-se simultaneamente pouco à vontade e arrogante.

Pedro pergunta-lhe:

— É a senhora Astruc?

— Sim, sou eu.

— É a sua filha pergunta por sua vez Eva indicando a criança.

Entretanto, o homem, depois de ter ido fechar a porta, vem pôr-se no meio do quarto ao lado da mulher. É ele quem responde:

— Têm alguma coisa com isso?

— Pode ser que tenha responde Pedro secamente. Depois, dirigindo-se de novo à mulher, torna a perguntar:

— Queremos saber se é a sua filha?

— Sim, e depois?

— O que está ela a fazer na escada? pergunta Eva.

— Ora vejam lá... Eu também lhe pergunto quem lhe pagou as suas peles. Quando se tem só uma divisão é preciso pôr as crianças de vez em quando lá fora...

— Tanto melhor — responde Eva —, se ela a incomoda nós vimos buscá-la. Somos amigos do pai.

A criança, ao ouvir estas palavras, levanta para Eva o rosto interessado.

— Buscar o quê? pergunta a mulher aflita.

— A miúda confirma Eva.

O homem dá um passo com o braço estendido em direcção à porta.

— Vocês vão mas é raspar-se agora mesmo. Mas Pedro volta-se de repente para o homem e previne-o:

— Vê lá se és bem educado, homenzinho. Vamos embora, sim, mas com a miúda.

— Com a miúda? torna a repetir a mulher. Trazem papéis?

Eva revista a carteira. Dá um passo até à mesa e coloca aí um maço de notas.

— Temos estes — diz —, acham que chegam?

O homem e a mulher ficam por um instante mudos de surpresa, hipnotizados pelo maço de notas, principalmente a mulher. Até mesmo a miúda se inclina para a mesa.

O homem é quem reage primeiro. Com um gesto brutal, ordena à criança:

— Tu, vem cá.

A pequena tem um estremeção e corre a refugiar-se junto das pernas de Pedro, que a toma nos braços.

Neste meio tempo a mulher apanha o dinheiro dizendo:

— Deixa lá, Jorge. Estas coisas são com a polícia.

— É isso diz Pedro com ironia. Vão ter com os chuis.

Depois acrescenta, a propósito do homem, que está a meter o dinheiro no bolso.

— Não o percas. Isso servir-te-á de argumento quando fores apresentar a queixa.

Nesse momento, faz um sinal a Eva, e saem levando com eles a criança.

UMA CASA DOS ARREDORES

Pedro e Eva voltam-se antes de saírem pela porta dum jardim dos arredores e, sorrindo com um ar enternecido, acenam com a mão em sinal de adeus.

Eva diz uma última vez:

— Até breve, Maria...

Lá em baixo, ao fundo dum jardim bem arranjado, na escadaria da casa, uma senhora gorda dá a mão à pequena Maria que acaba de tomar banho.

A miúda está envolvida numa grande toalha de felpa. Tem os cabelos lavados e presos por uma fita.

Deixa a mão da senhora para fazer alegremente um grande aceno de adeus.

— Até breve.

Com o gesto, a toalha cai e a criança fica nua.

A senhora, rindo, apanha a toalha e cobre os ombros da criança num gesto afectuoso.

Eva e Pedro entreolham-se.

— Pelo menos nisto fomos bem sucedidos diz Eva. Reflete uns segundos e acrescenta:

— Pedro, se tudo correr bem, havemos de ficar com ela.

— Tudo correrá bem assevera Pedro. Dá-lhe o braço para a levar para um táxi que está parado em frente da porta. O motorista põe o motor a trabalhar quando os vê aproximarem-se.

Entretanto, Eva retém por momentos o companheiro e, dirigindo-se ao vácuo que os cerca, diz:

— Se está aí, pode ficar contente, a sua miúda está bem entregue.

Então reparam no olhar de espanto e de inquietação mesmo, que lhes lança o motorista trocam entre eles um olhar divertido e sobem para o táxi.

O motorista embraia e o carro arranca...

UMA RUA E A CASA DE PEDRO

O táxi pára em frente da casa onde vive Pedro, numa rua popular, mas limpa.

Eva e Pedro descem. Enquanto ele paga, ela examina a casa.

Depois de ter regularizado as contas com o motorista, Pedro surpreende Eva nesta inspecção.

Ele esclarece:

— É no terceiro andar. A segunda janela a partir da esquerda. Eva volta-se para Pedro enquanto ele lhe estende timidamente a chave.

— Aqui tem a chave. Ela olha-o, surpreendida.

— Não vem? Contrafeito, ele explica:

— Eva, eu tenho que ir ver os meus amigos. Quando estava... do lado de lá, soube certas coisas. Fomos traídos... Tenho de os ir avisar.

— Imediatamente?

— Amanhã seria demasiado tarde.

— Como quiser.

— Tenho mesmo de ir, Eva...

Fica calado por instantes e depois acrescenta com um sorriso pouco à vontade:

— ...Além disso, prefiro que suba sozinha.

— Porquê?

— É menos bonita que a sua casa, sabe... Eva sorri e, espontaneamente, vem para ele, abraça-o e pergunta com alegria:

— No terceiro?

— A porta à esquerda esclarece ele já tranqüilo.

Ela dirige-se para a casa e volta-se ao cruzar os umbrais. Pedro está parado e olha-a, e pede-lhe timidamente:

— Quando lá chegar, diga-me adeus da janela...

Divertida, ela faz um pequeno sinal afirmativo com os olhos e entra na casa...

O QUARTO DE PEDRO

Eva entra no quarto, fecha a porta e olha à sua volta. É um quarto modesto mas limpo, perfeitamente em ordem e relativamente confortável.

Por trás de um reposteiro há uma pequena casa de banho, junto da qual fica uma porta que dá para uma cozinha minúscula.

Eva está um pouco perturbada por ver o sítio onde vai viver, mas depressa se recompõe. Vai até à janela e abre as portadas...

A RUA E A CASA DE PEDRO

Do outro lado da rua, em frente da sua casa, Pedro passeia para trás e para diante com nervosismo.

Eva aparece à janela e grita-lhe com alegria:

— Está tudo muito bem, Pedro. Ele sorri, um pouco aliviado:

— É verdade?

— Muito bem afirma ela. Então ele faz-lhe um aceno com a mão e grita:

— Até logo.

E afasta-se rapidamente.

O QUARTO DE PEDRO

Por momentos, Eva segue com os olhos Pedro, que se afasta. Depois volta-se para dentro.

A sua alegria desaparece.

Dá alguns passos, e poisa a carteira com um ar fatigado.

A sua atenção é de repente atraída por uma fotografia emoldurada bem em evidência sobre uma cômoda: é o retrato de uma mulher idosa, muito simples, de cabelos brancos; é a mãe de Pedro.

Ao lado da moldura está uma pequena jarra com flores há muito tempo murchas.

Eva aproxima-se do retrato e contempla-o longamente com emoção. Tira as flores murchas da jarra, depois ganha coragem e afasta-se, despindo o casaco de peles.

A RUA DOS CONSPIRADORES

Pedro chega junto da porta da casa onde têm lugar as reuniões. Entra depois de ter inspeccionado rapidamente as proximidades.

A ESCADA DOS CONSPIRADORES

Pedro sobe rapidamente a escada. Chegado diante da porta do quarto, bate segundo o código especial e espera.

E como lá dentro ninguém se mexe, bate outra vez gritando através da porta. É Dumaine...

O QUARTO DOS CONSPIRADORES

A porta abre-se. O homem que vem abrir é o mesmo operário que na estrada, aquando da «ressurreição» de Pedro, aconselhou Paulo a segui-lo. Olha-o furtivamente e afasta-se para deixar passar o recém-chegado. Pedro entra, ofegante, atirando apressado:

— Boa noite.

Depois atravessa o quarto e aproxima-se dos seus camaradas. Estão sentados à volta da mesa: Poulain, Dixonne, Langlois e Renaudel.

Encostado à chaminé, por detrás deles, está Paulo de pé.

O operário, depois de ter fechado a porta, segue Pedro lentamente.

Têm todos um ar tristonho e preocupado, mas Pedro não se apercebe logo dos seus olhares duros e desconfiados.

— Boa noite, rapazes diz com uma voz agitada. Há novidades... Amanhã ninguém faz nada. Não haverá revolta.

Os outros recebem esta notícia sem qualquer reacção.

Apenas Dixonne diz:

— Ah?...

Poulain baixa a cabeça e bebe aos golos pequenos o seu copo de vinho. Paulo deixa a chaminé e dirige-se para a janela, sem olhar para Pedro.

Pedro fica atrapalhado.

Tem pela primeira vez a noção de que os seus companheiros o olham de uma maneira anormal, e comenta:

— Vocês estão com umas trombas! Tenta sorrir, mas apenas vê diante de si rostos fechados, tensos e o sorriso apaga-se-lhe. Depois, embaraçado, começa a falar:

— Estamos marcados. Eles sabem tudo. O Regente convocou dois regimentos e uma brigada da milícia como reforço.

Dixonne replica, friamente:

— Interessante. Mas pode saber-se quem te informou de tudo isso?

Pedro senta-se numa cadeira e diz:

— Eu... eu não posso dizer-vos... — Por sua vez, Langlois toma a palavra:

—Não teria sido Charlier, por acaso? Pedro estremece:

— Quem?

— Estiveste em casa dele esta manhã. Passeaste todo o dia com a mulher.

— Ora, deixem-me diz Pedro. Ela nada tem a ver com isto.

Renaudel acrescenta duramente:

— No entanto, temos o direito de te perguntar o que é que andas tu a cozinhar com a mulher de um secretário da milícia, na véspera de um dia como o de amanhã.

Pedro endireita-se, e olha-os um após outro.

— Eva é a minha mulher.

Com um risinho seco, Dixonne levanta-se. Os outros olham para Pedro com caras incrédulas. Irritado pelo riso de Dixonne, Pedro levanta-se furioso:

— É mesmo altura para brincadeiras, francamente. Estou a explicar-vos que fomos descobertos. Se amanhã mexermos uma palha será um massacre e a Liga ficará liquidada. Por que me vêm falar da mulher de Charlier?

Encolhe os ombros e enfia as mãos nas algibeiras.

Enquanto ele falava, Dixonne silenciosamente dá volta à mesa e vem olhar Pedro bem de frente:

— Ouve, Dumaine, esta manhã cagavas sentenças: é para amanhã. Vais-te embora. Um desconhecido dá-te um tiro. Foi como se nem sequer te tivesse alvejado. Bom...

Pedro tira as mãos dos bolsos e escuta, de dentes cerrados, pálido de cólera.

— Levantas-te — continua Dixonne. — Repeles Paulo, que quer ir contigo, e corres para casa de Charlier. Agora, vens-nos com essas trapalhadas... Como queres tu que te acreditem?

— Ah! é então isso!... exclama Pedro Trabalhei cinco anos com vocês, fui eu que fundei a Liga...

Renaudel, levantando-se da mesa, interrompe-o com secura:

— Está bem, não nos contes a tua vida desde pequenino. Perguntamos-te apenas o que fazias tu em casa de Charlier?

Poulain levanta-se também:

— E o que fazias no pavilhão do parque? Langlois, o mais tímido, endireita-se também e num tom de leve censura diz:

— Foste tirar o miúdo a um tipo da rua de Stanislas...

— Ameaçaste-o com a polícia acrescenta Dixonne atirando-lhe à cara notas de mil. O que quer isto dizer? Estamos prontos a ouvir-te.

Pedro olhou-os um a um. Vê-se esmagado por esta onda de acusações, e sente-se impotente para os convencer.

— Não posso explicar-vos. Tudo quanto vos posso dizer é que amanhã não façam nada.

— Não queres responder? insiste Dixonne.

— Não posso, por amor de Deus — explode Pedro. E mesmo que eu não quisesse, sou ou não sou o vosso chefe?

Só depois de ter consultado os companheiros com o olhar é que Dixonne deixa cair estas palavras:

— Agora já não és, Dumaine.

Com um sorriso de desprezo, Pedro troça:

— Estás contente por me dizer isso, Dixonne. Vais finalmente ocupar o meu lugar...

E logo a seguir, tomado de uma raiva súbita, põe-se a berrar:

— Mas, então, meus pobres idiotas, o que é que vocês pensam? Eu, eu seria capaz de entregar a Liga?

Furioso, olha uma a uma, as caras em volta dele.

— Diabo, vocês conhecem-me... Vejamos, Paulo...

Paulo baixa a cabeça e põe-se a passear no quarto como tinha feito durante toda a cena.

— Com que então, todos? prossegue Pedro. Pensem o que quiserem... Mas repito que, se vocês avançam amanhã, será um massacre e vocês serão os responsáveis por ele...

Dixonne interrompe-o, friamente, sem cólera.

— Está bem, Dumaine. Não te preocupes.

Um após outro, voltam as costas a Pedro, mas Renaudel acrescenta ainda:

— E se tivermos maçadas amanhã, saberemos onde encontrar-te.

Agora afastam-se dele, e vão agrupar-se perto da janela. Pedro fica só, no medo da sala...

— Está bem... Estoirem para aí amanhã, se isso vos diverte. Não serei eu quem vos lamentará.

Dirige-se para a porta, mas antes de a alcançar, volta-se e olha os companheiros:

— Oiçam, rapazes...

Mas os cinco companheiros viram-lhe as costas. Uns contemplam a rua, outros o vácuo. Então, furioso, sai batendo com a porta.

O QUARTO DE PEDRO

Eva dispõe um ramo de flores numa jarra, quando umas pancadas na porta a interromperam.

Vai abrir, e Pedro aparece, com o semblante carregado. Eva sorri-lhe, e Pedro faz um esforço para lhe sorrir também. Depois examina o quarto e franze novamente o sobrolho. Percorre um quarto inteiramente modificado.

Eva não fez mais que dispor flores e cortinas que enfeitam agora as janelas; um novo abat-jour que torna mais bonita a velha lâmpada, uma toalha nova que cobre agora a mesa. A luz está acesa, ainda que lá fora a noite não tenha caído por completo.

Eva segue o amigo, espiando as suas reacções. Pedro murmura estupefacto:

— O que é que fez?

Aproxima-se da mesa, toca numa das rosas que está na jarra, e dá-lhe um piparote, nervosamente. Vai até à janela, apalpa os cortinados.

O semblante torna-se-lhe mais triste, e ele volta-se e diz:

— Não quero aproveitar-me do seu dinheiro.

Desiludida, Eva censura-o:

— Mas, Pedro, é também o meu quarto...

— Eu sei...

Aborrecido, olha para fora, tamborilando com os dedos na janela. Eva aproxima-se e pergunta:

— Viu os seus amigos?

Sem se voltar, Pedro responde com tristeza: 'Já não tenho amigos. Correram comigo, Eva.

— Porquê?

— Devíamos actuar amanhã contra o Regente. Era o grande golpe. Ia dizer-lhes que nos estavam a preparar uma ratoeira, e era preciso não nos mexermos. Tomaram-me por um traidor.

Eva escuta-o em silêncio.

Pedro acrescenta com um risinho seco:

— Viram-me consigo e conhecem o seu marido, entende?

Neste momento batem à porta...

Pedro volta-se bruscamente. O rosto torna-se-lhe grave, como se pressentisse um perigo.

Depois de uma curta hesitação, vai apagar a luz, abre uma gaveta da cômoda e tira um revólver que agarra, metendo a mão no bolso.

Depois, dirige-se para a porta, afasta Eva que se tinha aproximado, e diz em voz baixa:

— Não fique em frente da porta.

Logo que Eva se põe de lado, abre bruscamente a porta e reconhece Paulo.

— Ah, és tu, que é que tu queres? interroga Pedro com dureza.

Paulo não responde imediatamente. Está sem fôlego, e parece muito excitado.

— Que vens tu fazer a casa de um espião? interroga Pedro, duramente.

E como Paulo continua silencioso, enfurece-se:

— Então, decides-te, ou não?

— Vai-te embora, Pedro. Foge. Eles vêm aí. Querem matar-te.

— Acreditas que os traí?

— Não sei — responde Paulo —. Mas vai-te embora, Pedro. Tens de fugir.

Pedro fica pensativo por momentos, depois diz:

— Adeus, Paulo... E, obrigado, apesar de tudo.

Fecha a porta e volta para junto da cômoda, donde tirara o revolver. Eva está aí, encostada à parede. Na penumbra do dia que cai, mal se distinguem um ao outro.

— Vá-se embora —, Eva aconselha Pedro. — Ouviu? Não pode ficar aqui.

Ela põe-se a rir.

— E você? Vai-se embora?

— Não — diz ele, guardando o revólver na cômoda.

— Meu pobre Pedro. Então eu também fico.

— Não deve ficar.

— Para onde quer que eu vá?

— Lucette? sugere Pedro.

Eva encolhe os ombros e aproxima-se lentamente da mesa, declarando:

— Não tenho medo da morte, Pedro. Já sei o que é.

Inclina-se para a jarra de flores, agarra uma rosa e põe-a nos cabelos.

— Além disso continua ela —, de qualquer maneira vamos morrer, não é?

Pedro fica admirado:

— Porquê?

— Porque falhámos.

Volta-se para Pedro, e agarra-lhe o braço.

— Vamos lá, Pedro, confesse... que não foi por mim que quis voltar à vida. Foi pela sua revolução... Agora que ela vai falhar, a morte é-lhe indiferente. Sabe que o vêm matar e fica aqui.

— E você? Não foi por Lucette que voltou à terra?

Põe a cabeça no peito de Pedro, e depois de uma pausa, diz:

— Talvez...

Ele abraça-a com força.

— Perdemos, Eva... Nada temos a fazer senão esperar.

Depois, olha para cima:

— Repare.

— Em quê?

— Em nós.

Então ela repara na dupla imagem, que o espelho reflecte.

— É a primeira e última vez que nos vemos juntos, a um espelho...

E, sorrindo a essa imagem, ele acrescenta:

— Podíamos ter conseguido...

— Sim, podíamos... Você era suficientemente alto para que eu pusesse a minha cabeça no seu ombro...

Subitamente, ouvem-se passos na escada. Voltam ambos a cabeça para a porta.

— Aí estão diz Pedro simplesmente. Eva e Pedro entreolham-se intensamente...

— Tome-me nos seus braços pede Eva.

Ele abraça-a. Olham-se como se quisessem fixar para sempre a sua imagem viva.

— Beije-me diz Eva.

Ele beija-a e afrouxa o abraço. As mãos sobem ao longo do corpo de Eva até ao peito.

— Quando eu estava morto murmura em voz baixa tinha tanto desejo de lhe acariciar o peito. Esta será a primeira e a última vez...

— Tinha tanta vontade que me tomasse nos seus braços diz ela.

Agora batem à porta com pancadas fortes. Pedro torna a abraçar Eva. Fala-lhe, é um diálogo de sussurros.

— Vão disparar pela fechadura. Vão disparar sobre nós. Mas senti o seu corpo contra o meu. Só por isso valeu a pena ter voltado à vida.

Eva abandona-se inteiramente a ele. Depois, ouvem um bater de pés no patamar da escada, e passos a descer a escada, diminuindo até desaparecerem por completo.

Pedro endireita-se lentamente. Eva volta a cabeça para a porta. Olham-se e sentem-se de repente confusos, embaraçados pelos seus corpos.

Eva desprende-se e volta-se.

— Partiram.

Dá alguns passos e vem encostar-se ao espaldar da cadeira. Pedro aproximou-se da janela, para tentar ver a rua.

— Voltarão comenta ele. Depois, encaminha-se para ela.

Depois, aproximando-se, repete com mais doçura:

— Eva...

Ela vê-o aproximar-se, rígida e irritada.

Devagar, as mãos de Pedro rodeiam o rosto de Eva.

— Eva, não há ninguém a não ser nós dois... Estamos sós no mundo. É preciso que nos amemos, é a nossa única oportunidade.

Eva descontrai-se ligeiramente.

De súbito, volta-se, atravessa o quarto seguida pelo olhar de Pedro. Ele tem um ar duro, surpreso e comovido. Sem dizer palavra, ela vai sentar-se na cama, o busto deitado um pouco para trás, apoiando-se nas mãos. Está hirta e espera por Pedro, com um misto de decisão e angústia.

Pedro caminha para ela, hesitante...

Está agora encostado à cama. Então Eva inclina-se suavemente para trás, com as mãos junto da cabeça. Tem os olhos grandes, abertos. Pedro está de braços afastados, e apóia-se nas duas mãos. Os braços cruzam-se e ele inclina-se mais. Mas Eva volta ligeiramente a cabeça, e ele esconde o rosto no pescoço dela.

Eva continua imóvel. Os seus olhos grandes abertos fixam o tecto manchado pelo candeeiro barato. Num relance vê a mesa com as flores, o móvel com a fotografia da mãe, o espelho e de novo o tecto.

Pedro beija bruscamente, e quase com brutalidade, os lábios de Eva.

Ela fecha os olhos por um breve instante, e depois abre-os de novo bem abertos e fixos.

O braço agarra-se ao antebraço de Pedro, num gesto de defesa. A mão amolece, sobe até ao ombro e de repente crispa-se violentamente...

Então a voz de Eva estala, num grito de triunfo e de libertação:

— Amo-te...

Lá fora, anoitece quase por completo.

Depois, é o dia, o sol que entra a jorros, pela janela.

Pedro sai da casa de banho, em mangas de camisa, e enxuga a cara com a toalha.

— Eles não vieram diz de repente. Eva, que acaba de se pentear em frente do espelho, responde com confiança:

— Já não vêm.

— Sabes porquê? pergunta ele, agarrando-a pelos ombros.

Ela olha-o com ternura.

— Sei. Quando bateram à porta, nós começámos a amar-nos.

Ele rectifica:

— Foram-se embora porque nós ganhámos o direito à vida.

— Pedro — murmura ela, estreitando-se contra ele —, Pedro, nós ganhámos...

Picam assim por instantes, depois ela pergunta:

— Que horas são?

Pedro dá uma olhadela ao despertador, que marca nove e meia.

— Dentro de uma hora, a prova está terminada...

Sorridente, ela força-o a voltar-se para o espelho, no qual as imagens se reflectem.

— Estamos ali...

— Sim...

— Pedro... que vamos nós fazer, desta vida nova?

— O que quisermos. Não devemos mais nada a ninguém.

Enquanto eles trocam estas palavras, ouve-se um barulho na rua. É um regimento inteiro que desfila com tanques e veículos motorizados.

Pedro põe-se à escuta...

Eva observa-o sem uma palavra, com uma inquietação crescente. Bruscamente, pergunta:

— Não tens pena dos teus companheiros?

— E tu? Tens pena de Lucette?

— Não diz com firmeza. Mas, agarrada ao braço dele, ela repete com nervosismo:

— E tu?

Pedro abana a cabeça, com um ar esquivo:

— Não.

Solta-se, dá alguns passos, e pára junto da janela.

Crispado, ouve o barulho da tropa cada vez mais próximo:

— Dura há muito tempo... devem ser imensos...

Eva aproxima-se, agarra-o por um braço e suplica:

— Pedro, não os ouças. Estamos sozinhos no mundo...

Ele aperta-a nervosamente e repete:

— Sim, estamos sozinhos no mundo...

A sua voz eleva-se, exalta-se, para não poder ouvir o martelar dos passos e o barulho dos tanques.

— Deixaremos a cidade. Trabalharei para ti. Serei feliz por trabalhar para ti. Os companheiros, a Liga, a revolução, tu substituirás tudo... Não tenho mais ninguém senão tu.

Quase gritou a última frase, mas a algazarra da tropa a marchar domina ainda a sua voz.

Afasta-se com um gesto brutal e clama alto:

— Mas isto não pára, isto não pára!

— Pedro — murmura ela —, peço-te, não penses senão em nós. Dentro de uma hora...

Ele afastou o cortinado e verifica:

— São milhares... vai ser um massacre... Volta-se, caminha nervosamente até à cama, senta-se, e põe as mãos na cabeça.

Eva tem a certeza que nada já o poderá reter; no entanto, fala-lhe ainda:

— Pedro, eles insultaram-te, queriam matar-te. Tu não lhes deves nada...

Ajoelhada diante dele, suplica:

— Pedro... neste momento, é para comigo que tu tens deveres.

Ele ouve o barulho da rua e responde distraído:

— Sim...

Então, após um curto silêncio, decide-se:

— Tenho de ir lá abaixo.

Eva olha-o com uma espécie de terror resignado:

— Foi por eles que tu voltaste...

— Não — afirma ele, tomando o rosto de Eva nas mãos —, não, foi por ti.

— Então?

Ele abana a cabeça desesperado, mas obstinado:

— Não posso deixá-los ir para diante. Com um gesto violento, endireita-se, agarra o casaco que está nas costas da cadeira e, enfiando-o à pressa, corre para a janela.

Está já lançado na febre da revolta. Está ansioso, mas ao mesmo tempo quase alegre.

— Pedro —diz ela —, nós ainda não ganhámos... Só nos falta uma hora...

Ele volta-se para ela e agarra-a pelos ombros:

— Gostavas de mim se eu os deixasse massacrar?

— Fizeste o que pudeste.

— Não tudo... Ouve: há uma reunião de chefes de secção dentro de uma meia hora. Vou lá. Tentarei detê-los. Qualquer que seja a decisão deles, voltarei antes das dez e meia. Ir-nos-emos embora, Eva. Sairemos da cidade, juro-te. Se me amas, deixa-me partir. Sem isto, não poderei nunca mais olhar-me a um espelho. Ela estreita-se desesperadamente contra ele.

— Voltarás?

— Antes das dez e meia.

— Juras-me?

— Juro-te.

Ele dirige-se já para a porta, mas ela retém-no ainda.

— Pois bem, vai, vai, Pedro, é a mais bela prova de amor que eu te posso dar.

Ele abraça-a, beija-a, mas sente-se que está distraído. No entanto, um pensamento detém-no por momentos.

— Eva, tu esperas-me aqui?

— Sim, eu... começa ela; depois toma um ar um pouco embaraçado:

— Não, vou tentar tornar a ver Lucette, e tu telefonas-me para lá.

Ele beija-a outra vez, e corre para a porta. Ela repete ainda com doçura:

— Vai agora... E não te esqueças que me juraste.

Então, aproxima-se da cômoda, abre a gaveta, tira de lá o revólver de Pedro, vai buscar a carteira que está em cima da mesa, mete lá dentro a arma e dirige-se para a porta.

No momento de sair reconsidera, inclina-se sobre a cama desfeita e apanha a rosa que na véspera tinha nos cabelos...

DIANTE DA CASA DE PEDRO

Pedro aparece à entrada do prédio, montado na bicicleta. Antes de sair, examina a rua com um olhar rápido. Ao passar, repara no grande relógio cujos ponteiros marcam dez horas menos vinte...

Atinge a calçada, monta rapidamente a bicicleta e põe-se a caminho.

A dez metros dali, escondido num portão, Luciano Derjeu, com a bicicleta pela mão, espia a saída de Pedro.

Inclina-se e quando está certo de não ter sido visto, monta por sua vez a bicicleta, e segue-o à distância.

O PATAMAR DO QUARTO DE PEDRO

Eva sai do quarto, fecha a porta e desce a escada com rapidez.

UMA RUA

Pedro desce a toda a velocidade uma rua muito íngreme, com Luciano Derjeu na sua cola.

EM CASA DOS CHARLIER

Com precaução, a mão de Eva introduz a chave na fechadura e fá-la girar.

A porta abre-se suavemente, sobre o vestíbulo, e pela abertura aparece o rosto grave e tenso de Eva Charlier.

Certifica-se de que não está ninguém no vestíbulo; depois entra, fecha a porta silenciosamente e encaminha-se para a porta da sala ao fundo do corredor. Ao passar, a sua imagem reflecte-se no espelho do corredor, mas ela não presta atenção a esse pormenor.

Imobiliza-se por instantes, escuta, depois abre a porta com precaução.

Vê André e Lucette, sentados lado a lado no sofá...

Ele está com um casaco de trazer por casa, ela de roupão. Tomam o pequeno almoço e conversam ternamente. André parece representar um jogo de que ele é o único a conhecer os perigos. Mas Lucette não parece de todo inconsciente...

Eva penetra sem ruído na sala e, bruscamente, fecha a porta com força...

O barulho arranca André e Lucette do torpor em que pareciam deleitar-se. Voltam os olhos para a porta e estremecem. André muda de cor, Lucette endireita-se, e ficam ambos por momentos sem voz nem reacção.

Eva caminha para eles, a passo firme e olhar incisivo. Por fim, André consegue levantar-se.

Eva detém-se a pouca distância do par e diz:

Pois bem, André, sou eu.

— Quem te permite? pergunta André. Sem dar mostras de ter ouvido, Eva instala-se numa cadeira.

Na frente dela, Lucette, incapaz de articular uma palavra, continua sentada.

Bruscamente, André caminha para Eva, como se a quisesse pôr na rua. Então, Eva tira de repente o revólver de Pedro e aponta-o a André, dizendo:

— Senta-te. Atemorizada, Lucette grita:

— Eva!

André pára, hesitante, sem saber que atitude tomar, e Eva repete:

— Disse-te que te sentasses.

E como Lucette se levanta por sua vez, Eva acrescenta:

— Não, Lucette, não. Se tu te aproximares, eu disparo sobre André.

Lucette, assustada, torna a sentar-se. André volta-se e retoma o lugar junto da rapariga.

Eva conserva o revólver, mas coloca-o em cima da carteira.

— Meu pobre André, creio que nada mais tenho a perder. Estou à espera de uma chamada telefônica, que determinará a minha sorte. Mas, até lá, vamos conversar os dois na frente de Lucette. Vou contar-lhe a tua vida ou, pelo menos, o que eu sei dela. E, garanto-te que, se tentas mentir, ou se eu não conseguir que ela tenha nojo de ti, despejarei este revólver sobre a tua pessoa.

André engole a seco com dificuldade, e Lucette está aterrada.

Como nem um nem outro dizem palavra, ela acrescenta:

— Pois bem, então vou começar... Há oito anos, André, depois de teres estafado a fortuna de teu pai, procuraste fazer um bom casamento...

O BARRACÃO DOS CONSPIRADORES

Este barracão é uma espécie de garagem adaptada, situada nos arrabaldes. Aí estão reunidos cerca de trinta homens, de pé, os rostos virados para Dixonne e Langlois, que os dominam do alto da plataforma traseira de uma velha camioneta sem pneus.

Dixonne termina uma alocução:

— Tais são, pois, companheiros, as últimas instruções. Vocês retomam os vossos lugares, o mais depressa possível, e esperem ordens... Dentro de vinte minutos, a revolução estará em movimento...

Os homens escutaram-no com um ar grave e pensativo. São todos operários, a maior parte a rondar pelos trinta anos de idade.

Logo que Dixonne se cala, faz-se um silêncio, depois ouvem-se várias vozes dispersas:

— E Dumaine?

— Por que é que Dumaine não está?

— É verdade que era um espião? Dixonne estende as mãos para a frente, a fim de impor silêncio, e responde:

— Agora, companheiros, vou falar-vos de Pedro Dumaine...

Pedro acaba de chegar ao barracão por uma ruela deserta. Salta rapidamente da bicicleta, lança um último olhar desconfiado em torno, e aproxima-se de uma porta com dois batentes. Verifica que a porta está fechada por dentro.

A correr, ladeia esta parte do barracão, salta a cerca de um jardinzito e desaparece...

Encostado à parede, de longe, Luciano Derjeu vigia-o. Está ofegante, e coberto de suor.

Assim que Pedro desaparece da sua vista, ele hesita um instante, depois põe-se por sua vez a correr numa direcção oposta àquela que Pedro tomou...

Este último salta para um outro jardinzito, assusta algumas galinhas escanzeladas e pára por fim, debaixo de uma pequena janela, situada a alguns metros do chão...

Consegue içar-se até à janela; mais um impulso e ele consegue observar o que se passa no interior do barracão...

Dixonne continua a falar:

— Tivemos a sorte de o desmascarar mesmo a tempo. Ele não conseguiu dar nenhuma explicação, e preferiu desaparecer...

Muito perto, ouve-se a voz de Pedro:

— É mentira!

Acto contínuo, todas as cabeças se voltam para a janela, e os conspiradores, estupefactos, vêm Pedro transpor a janela com uma pernada, ficar suspenso na moldura da janela, e saltar a pés juntos para o chão...

Dirige-se com rapidez para o grupo de conspiradores, que se afasta para o deixar passar.

Vai até ao centro do barracão, perto da camioneta, na qual estão Dixonne e Langlois.

Aí, volta-se, mãos nos bolsos, o tronco hirto, as pernas direitas, e começa a falar:

— Aqui me têm, companheiros. Sim senhor, aqui está o traidor, o vendido, que fugiu depois de ter recebido dinheiro do Regente.

Dá alguns passos no meio dos conspiradores, olhando-os bem nos olhos.

Imobiliza-se e retoma a palavra em seguida:

— Quem vos voltou a dar coragem quando tudo caminhava mal? Quem fundou a Liga? Quem trabalhou anos contra a Milícia?

Falando sempre, Pedro volta para perto da camioneta e, indicando Dixonne e Langlois, acrescenta:

— Ontem, Langlois e Dixonne atacaram-me infamemente, e eu quis defender-me. Mas diante de vocês, defender-me-ei. Não por mim, mas por vocês. Não quero que vão para o massacre.

UMA CABINA TELEFÔNICA

Luciano Derjeu acaba de se meter dentro da cabina telefônica de um cafezinho do bairro. Febrilmente, marca um número e espera com ansiedade. Com a mão livre, limpa o suor da testa, vigiando sempre com um olhar amedrontado, através do vidro, a rua deserta.

O GABINETE DO CHEFE DA MILÍCIA

O chefe da Milícia está sentado à secretária, debruçado sobre um mapa, rodeado de vários chefes de secção fardados. Nota-se que estão tensos à espera do mesmo acontecimento.

A campainha do telefone rompe o silêncio.

O chefe da Milícia levanta um dos vários aparelhos que enchem a sua secretária, escuta, depois, com um piscar de olhos, adverte os subordinados de que se trata efectivamente da chamada que esperava.

Escuta por momentos, com o semblante atento, pontuando as declarações da pessoa que está do outro lado do telefone.

— Sim... Sim...

Com secura, ordena a um dos seus colaboradores:

— Espera...

— Encruzilhada d'Alheine... antiga garagem Dubreuil...

O BARRACÃO DOS CONSPIRADORES

Tendo acabado as suas explicações, Pedro exclama com violência:

— Acreditam em mim, companheiros? A voz de Dixonne eleva-se:

— Companheiros!...

Mas, com um movimento brusco, Pedro vol-ta-se para ele e ordena:

— Cala-te, Dixonne! Falarás quando eu te der a palavra.

Depois, designando o grupo que os cerca, acrescenta:

— Enquanto os companheiros não me tiverem condenado, continuo a ser o chefe.

Então uma voz desconhecida pergunta:

— E a mulher de Charlier, Pedro? Pedro troça:

— Cá estamos! A mulher de Charlier.

Dá um passo na direcção do homem que tinha falado.

— Sim, conheço a mulher de Charlier. Sim, conheço-a... E sabem o que ela fez? Deixou o marido para vir viver comigo... foi ela quem me informou. Fomos traídos, rapazes, traídos.

Com nervosismo, continuando a falar, passeia diante do pequeno grupo, e sente-se que os outros começam a acreditar nele.

— Os milicianos — prossegue ele — estão de prevenção nos quartéis, e três regimentos entraram esta noite na cidade.

Volta para junto da camioneta e dirige-se agora a Dixonne e Langlois, que, também eles, não estão longe de estarem convencidos.

— O Regente conhece-nos a todos... Sabe o que nós preparamos. Deixou-nos agir, para melhor nos poder esmagar...

— O que é que nos prova que isso é verdade? pergunta um dos homens.

Pedro enfrenta de novo o grupo.

— Nada. É uma questão de confiança... Vocês ou condenam um homem que trabalhou convosco durante dez anos, ou acreditam na sua palavra? Eis a questão.

Esta declaração levanta diversas atitudes entre os conspiradores. Pedro repete com insistência:

— Se eu fosse um traidor, o que faria eu aqui?

Então, um dos homens aparta-se do grupo e vem pôr-se ao lado de Pedro.

— Companheiros — diz com gravidade —, eu creio nele. Nunca mentiu até aqui.

Um, depois outro, ainda outro vêm juntar-se a ele.

— Eu também...

— Eu também, Pedro...

Agora é uma reviravolta espontânea de todos para Pedro.

— Estou contigo, Dumaine... Pedro reclama silêncio:

— Então ouçam-me... Hoje temos de ficar quietos. Eu...

A campainha do telefone corta-lhe a palavra. Pedro cala-se, e todas as cabeças se viram para um canto da garagem.

De expressão subitamente grave, Langlois salta da camioneta, dirige-se a correr para uma pequena cabina, enquanto os outros ficam parados nos seus lugares.

Ouve-se a voz de Langlois, interrompida por longos silêncios:

— Sim... Sim... Onde? Não... O quê?... Não... Não... Esperem ordens.

Langlois sai da cabina, com o rosto ansioso, preocupado. Aproxima-se do grupo, olha para Pedro e Dixonne e depois declara:

— Já começou. O grupo Norte ataca a Prefeitura...

Pedro, em quem todos os olhares agora se concentram, esboça um gesto de impotência e de desespero. Os braços caem-lhe, vergam-se as costas. Dá alguns passos em direcção ao fundo da garagem.

Dixonne, excitado, pergunta com uma voz insegura:

— Pedro... o que é preciso fazer?

Pedro volta-se para ele com uma violência desesperada:

— O que é preciso fazer? Já não sei nada, e estou-me nas tintas.

Dá alguns passos, de punhos crispados, volta-se outra vez e exclama violentamente:

— Vocês só tinham que me dar ouvidos quando ainda era tempo. Agora, desenras-quem-se, eu lavo daí as minhas mãos.

No entanto, não se vai embora. Volta para junto dos companheiros, mãos nas algibeiras, cabeça baixa.

Dixonne insiste:

— Pedro, nós andámos mal, mas não nos abandones... Só tu poderás fazer qualquer coisa... Tu sabes o que eles prepararam...

Sem responder, Pedro dá mais alguns passos seguido pelos olhares suplicantes dos companheiros.

Por fim, levanta a cabeça e pergunta com um sorriso amargo:

— Que horas são?

Dixonne olha para o relógio e responde:

— Dez horas e vinte e cinco.

Pedro, depois de ter reflectido muito, levanta a cabeça e diz com grande esforço:

— Está bem, eu fico.

Em seguida acrescenta, dirigindo-se a Dixonne:

— Um momento, vou telefonar.

Dirige-se para a cabina telefônica envidraçada, fecha-se lá, enquanto, por uma abertura estreita de um postigo, a poucos metros daí, aparece a cara de Luciano Derjeu a espiá-lo.

A SALA DOS CHARLIER

Eva está de pé atrás do sofá, revólver na mão. André e Lucette continuam sentados, sem se olharem.

Eva termina o seu relato.

— Aí tens, Lucette, a vida de André... Achas que menti, André?

Com um misto de medo e de dignidade ofendida, ele responde por cima do ombro:

— Não te respondo. Tu estás doida.

— Bem... diz simplesmente Eva.

Inclina-se e tira do bolso de André um molho de chaves.

— Lucette, vai buscar as cartas que estão na secretária dele.

Estende o molho de chaves à irmã, mas esta não se mexe.

Eva repete mais alto:

— Vai buscá-las, Lucette, se tens amor à vida de André. Ao mesmo tempo, aponta o revólver à cabeça dele.

Lucette, amedrontada, agarra no molho de chaves, levanta-se e dirige-se para a porta.

Neste momento, toca o telefone.

Eva e André estremecem.

—André vai para se levantar, mas Eva chama-o à ordem...

— Não te mexas ordena Eva. É para mim e dirige-se com rapidez para o telefone. Lucette e André observam Eva, que acaba de levantar o auscultador.

As costas contra a parede, o revólver apontado ao casal, Eva responde:

— Está?...

E de repente a sua voz torna-se terna:

— És tu, Pedro?... Então?...

Escuta um momento, com o rosto tenso e angustiado.

— Ai não, não, Pedro... Eva, perturbada, repete:

— Não podes... Não é possível. Vais matar-te e é absurdo. Lembra-te que te amo, Pedro... Foi para nos amarmos que nós voltámos à aterra.

O BARRACÃO

Através dos vidros da cabina, vê-se Pedro a telefonar.

Também ele está perturbado, mas não pode recuar...

— Compreende, Eva... suplica. É preciso que me compreendas... não posso deixar os companheiros... Sim eu sei... eles não têm sorte nenhuma, mas eu não posso...

Por cima dele, na cabina um relógio eléctrico marca 10 horas e 29...

A FACHADA DO BARRACÃO

Duas camionetas cheias de milicianos chegam a toda a velocidade, e param diante do barracão. Uma onda de milicianos espalha-se rapidamente e cerca o edifício.

A SALA DOS GHARLIER

Eva continua ao telefone: Não Pedro, não faças isso... Tu mentiste-me... abandonas-me... nunca me amaste...

O BARRACÃO

— Mas eu amo-te responde Pedro. Amo-te, mas não tenho direito de deixar os companheiros.

Não repara em Luciano Derjeu, que, pelo postigo, aponta cuidadosamente o revólver a Pedro.

Angustiado, Pedro chama:

— Eva... Eva...

Luciano Derjeu dispara raivosamente a arma.

A SALA DOS CHARLIER

O telefone faz ressoar o barulho amplificado dos tiros. Como se tivesse sido atingida pelas balas, Eva escorrega pela parede e cai.

André levanta-se de um salto enquanto Lucette dá um grito.

O BARRACÃO

Alguns homens precipitam-se para a cabina telefônica, cujo vidro se estilhaçou. Quando um deles abre a porta, o corpo de Pedro tomba a seus pés...

No mesmo instante, estala uma rajada de metralhadora.

Uma voz grita:

— A Milícia!

Uma nova rajada faz voar em estilhaços a fechadura da porta. Os conspiradores dispersam-se em todas as direcções e por todos os cantos, procurando abrigos e empunhando as armas que dispõem.

Os dois batentes da porta abrem-se de repente. Os milicianos abrem fogo em todos os sentidos. Os conspiradores respondem, mas a sua inferioridade é esmagadora.

Algumas granadas de fumo são deitadas pelas janelas e espalham o fumo sufocante. Dixonne e Langlois, com os olhos cheios de lágrimas, disparam, abrigados pela camioneta.

À volta deles, os companheiros tossem; alguns param para esfregar os olhos.

Uma bala faz ir pelos ares um relógio eléctrico cujos ponteiros marcam 10:30h....

Nesse momento, as pernas de Pedro passam por cima do seu próprio corpo... Pára um instante, à entrada da porta, olha em torno e encolhe os ombros.

Depois, caminha por entre o fumo que se torna cada vez mais denso.

Lá fora, milicianos cercam a saída, armas apontadas, esperando que os rebeldes se entreguem. Pedro sai do barracão e passa invisível, por entre os milicianos.

O PARQUE

A leitaria está fechada. Também aí a luta deixou vestígios. As paredes estão estragadas pelas balas. A pista de dança e as áleas do parque estão juncadas de ramos quebrados.

Aqui e além, há mesas e cadeiras amontoadas à pressa, outras estão voltadas de pernas para o ar. Lá longe, ouve-se ainda a fuzilaria.

Pedro e Eva estão sentados num banco. Ele está debruçado para a frente, com os cotovelos apoiados nos joelhos. Ela está ao pé dele mas há um pequeno espaço a separá-los.

Em volta, tudo deserto.

Só alguns mortos se passeiam ao longe...

Por fim, Eva olha Pedro e diz-lhe com doçura:

— Nem tudo está perdido, Pedro. Hão-de vir outros que retomarão a sua obra...

— Eu sei. Outros. Mas não eu.

— Pobre Pedro!... murmura ela com uma grande ternura.

Ele levanta a cabeça e pergunta:

— E Lucette?

E como Eva, por sua vez, encolhe os ombros sem responder, ele suspira:

— Pobre pequena!...

No entanto, parece que pela primeira vez Eva foi atingida pela indiferença da morte.

— Dentro de algumas dezenas de anos diz ela calmamente será uma morta como nós... Um breve momento que passa...

Quedam-se um instante silenciosos. De repente, ouve-se uma voz dizer:

— Não esperava encontrá-los aqui! Levantam os olhos e vêem diante deles o velho do século XVIII, sempre contente, que lhes pergunta.

— Não correu bem?

— Seiscentos entre mortos e feridos responde Pedro. E duas mil prisões.

Com um sinal de cabeça, aponta na direcção da fuzilaria acrescentando:

— ...E a coisa continua...

— E vocês os dois... não conseguiram?... pergunta o velho.

— Não — diz Eva —, não conseguimos. Os dados estavam lançados. A oportunidade foi só uma.

— Acreditem que lamento... diz o velho, ansioso por se afastar.

E como, precisamente nessa altura, passa por eles uma jovem morta, bastante bonita, ele diz para se desculpar:

— Lembro-lhes que o meu clube está sempre aberto. Também para si, minha senhora...

E sem esperar mais nada, vai no encalço da jovem morta...

Pedro e Eva agradeceram com a cabeça, silenciosamente. Ficam muito tempo assim, lado a lado, sem falar. Depois, Pedro, de repente, diz com uma grande ternura:

— Eu amei-a, Eva...

— Não, Pedro. Não acredito.

— Amei-a com toda a minha alma garante ele.

— Apesar de tudo, é possível. Mas agora que interesse é que isso tem?

Eva levanta-se.

Pedro imita-a, murmurando:

— Sim, que interesse tem isso agora?...

Ficam um momento de pé, um em frente do outro, pouco à vontade, e as suas vozes são de uma indiferença triste e educada.

— Virá ao tal clube? pergunta Pedro.

— Talvez.

— Então... até breve. Apertam as mãos e separam-se.

Mas, mal tinham dado três passos, surge a correr um casal de jovens, que se precipita sobre eles.

Pedro reconhece a jovem afogada que ele tinha visto, na bicha do beco Laguenésia.

Muito comovida, é ela quem pergunta:

— O Senhor está morto?

Pedro faz que sim com a cabeça.

Então ela continua:

— Acabamos de descobrir que tínhamos sido feitos um para o outro.

— E, nunca nos encontrámos na terra — acrescenta o rapaz. — Falaram-nos do artigo 140. Sabem de que se trata?

Pedro, depois de ter dirigido um sorriso cúmplice a Eva, responde simplesmente:

— Informá-los-ão na rua Laguenésia.

A rapariga surpreendeu o olhar de Pedro, e volta-se para Eva:

— Andamos à procura por toda a parte... Onde fica?

Com um sorriso, Eva indica a leitaria devastada:

— Vão dançar os dois, e, se se não enganaram, ela aparece num instante...

Os jovens entreolham-se, admirados, mas têm tanta vontade de acreditar... E dizem:

— Obrigado, minha senhora...

Depois, afastam-se de mãos dadas, vagamente inquietos. No entanto, depois de alguns passos, voltam-se para perguntar com timidez:

— Vocês têm um ar engraçado... É verdade o que dizem? Não nos vai acontecer nada de mal?

— É verdade que se pode tentar recomeçar a vida? insiste o rapaz.

Pedro e Eva entreolharam-se hesitantes, e sorriem com simpatia aos jovens.

— Experimentem — aconselha Pedro.

— Experimentem, apesar de tudo — murmura Eva.

Tranqüilizados, os dois jovens põem-se a correr em direcção à leitaria.

Então Pedro, com uma grande ternura, volta-se para Eva e diz-lhe adeus com as mãos. Muito comovida, Eva corresponde-lhe.

Lentamente, os braços caem-lhes, voltam-se, e vão cada um para seu lado.

Lá em baixo, na pista deserta, os jovens abraçam-se e começam a dançar tentando voltar à vida...